







Apres

# Apresentação

## Apresentação

Para tema do mês escolhemos um texto de Rui Ferreira sobre Mons. Elísio Fernandes de Araújo, homenageado postumamente em 24 de setembro, no centenário do seu nascimento.

De Dom José Cordeiro publicamos a homilia proferida em Fátima, em 07 de setembro, num encontro nacional de pastoral litúrgica.

Do Papa Francisco informamos de duas viagens apostólicas: à Mongólia e a Marselha. Publicamos homilias proferidas na investidura de novos cardeais e numa vigília ecuménica de oração e uma catequese que teve por tema a atividade apostólica de São Daniel Comboni.

Damos notícia da nomeação de Dom Américo Manuel Alves Aguiar para bispo diocesano de Setúbal e da sua integração no colégio cardinalício.

Uma tomada de posição conjunta das comissões diocesanas Justiça e Paz, que publicamos na íntegra, alerta para o grave problema da habitação,

Apresentamos uma breve história desta revista, Ação Católica, fundada por Dom Manuel Vieira de Matos em 25 de dezembro de 1915, e recordamos o grande apóstolo da Eucaristia, Padre Abílio Gomes Correia.

O Diretor



1.

Tema do Mês



## *Monsenhor Elísio de Araújo\**

O Monsenhor Elísio Fernandes de Araújo, cujo centenário do nascimento se assinalou no passado dia 24 de setembro, é uma das personalidades mais relevantes do presbitério bracarense no século XX. Obtendo singular destaque no âmbito da educação e pedagogia, desenvolveu um notável trabalho, ao longo de quatro décadas, como diretor do Colégio Dom Diogo de Sousa, instituição que tornaria numa referência incontornável no contexto da educação em Portugal.

Natural das terras do Pico de Regalados, ancestral couro hospitalário e sede concelho até 1855, nasceu na freguesia de Prado S. Miguel, concelho de Vila Verde, no dia 24 de setembro de 1923, no seio de uma família de agricultores, sendo um dos seis filhos de Joaquina Maria Fernandes e de António Joaquim de Araújo.

Rapaz inquieto e introspetivo, após realizar os seus estudos primários entre Ponte da Barca e Pico de Regalados, haveria de manifestar o desejo de seguir a vocação sacerdotal, tendo ingressado no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, com apenas 11 anos de idade.

Na sequência de um período de questionamento, haveria de deixar temporariamente o Seminário, tendo completado os estudos do Curso Complementar no Colégio de S. João de Deus, no Porto.

Regressaria a Braga com o propósito de terminar o seu percurso rumo ao sacerdócio. Culminaria a sua formação eclesiástica em 22 de dezembro de 1946, momento em que foi ordenado sacerdote por intermédio do arcebispo D. António Bento Martins Júnior.

A sua primeira missão surgiria no ano seguinte, tendo-lhe sido confiadas as paróquias de Venade e Azevedo, em Caminha, território que até 1977 integrou a Arquidiocese de Braga.

Na qualidade de pároco de Venade tomou em mãos o ambicioso projeto de restauro da Igreja Paroquial, que havia sofrido um incêndio. Também em Caminha vivenciaria a sua primeira experiência pedagógica, tendo desempenhado as funções de docente e diretor-adjunto do Externato de Santa Rita.

Na sequência das dificuldades financeiras que o Colégio Dom Diogo de Sousa atravessava no seu segundo ano de atividade, o padre Joaquim Alves, então diretor do colégio, dirigiu um convite ao seu conterrâneo padre Elísio de Araújo, para dirigir aquela instituição, contando com o beneplácito do arcebispo D. António Bento Martins Júnior, para efetivar aquele movimento eclesiástico, que seria confirmado a 20 de agosto de 1951.

Apesar de não integrar o seu rol de fundadores, deve-se ao Monsenhor Elísio de Araújo a afirmação e crescimento do Colégio D. Diogo de Sousa.

A partir de 1953, contando com o suporte do arcebispo D. António Bento Martins Júnior, foi projetado um novo edifício para o colégio, em terrenos cedidos pela Arquidiocese de Braga, projeto que concederia ao colégio um estatuto arquidiocesano.

O diretor do Colégio Dom Diogo de Sousa devotou-se integralmente à sua missão, não se limitando à mera gestão administrativa e pedagógica da instituição, mas estabelecendo uma relação de enorme proximidade com os funcionários, professores e alunos, particularmente aqueles que se encontravam em regime de internato.

Provenientes de diversas localidades portuguesas, mas também dos territórios do ultramar, os estudantes encontravam aqui o

seu lar, graças ao empenho pessoal do Monsenhor Elísio de Araújo.

Ao longo de 40 anos, dedicou-se a esta família, sem nunca esquecer a sua família de sangue, com a qual mantinha uma relação de estreita proximidade.

Com o incremento da reputação do Colégio Dom Diogo de Sousa, crescia também a admiração pelo laborioso desempenho do seu diretor no contexto arquidiocesano, mas também da Igreja universal. Por isso mesmo, a 28 de fevereiro de 1982, seria agraciado pelo Papa João Paulo II com o título de Monsenhor.

Também fora do âmbito eclesial o Monsenhor Elísio de Araújo obteria particulares créditos, tendo sido designado Delegado Distrital do Grémio dos Proprietários dos Estabelecimentos de Ensino Particular, como responsável pela Região do Minho e Alto Douro.

Com o advento da democracia em Portugal, e a consequente extinção daquela entidade, os proprietários das escolas particulares mobilizaram-se para a fundação da Associação de Representantes de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo de Ensino Particular (AEEP), que seria instituída em junho de 1974. O Monsenhor Elísio de Araújo seria um dos grandes mobilizadores desta iniciativa, tendo integrado os órgãos sociais da associação em diversos mandatos.

Na Arquidiocese de Braga teria também um papel ativo na Fraternidade Sacerdotal, integrando a direção da mesma instituição a 30 de dezembro de 1968. No contexto arquidiocesano, integraria também o Concelho Diocesano para os Assuntos Económicos.

Em reconhecimento do seu trabalho enquanto diretor do Colégio D. Diogo de Sousa, a Câmara Municipal de Braga atribuiu-lhe a medalha de Mérito Municipal – Grau Prata no ano de 1994. Em 1997 atribuiria o seu nome a uma praça na freguesia de Nogueiró.

O Monsenhor Elísio Fernandes de Araújo aposentou-se em 8 de agosto de 1991, tendo-se retirado para a sua casa em Pico S. Cristóvão, Vila Verde, onde haveria de falecer no dia 9 de setembro de 1996, vítima de doença prolongada.

O seu funeral decorreria no dia seguinte, diante de significativa assistência, na terra que o vira nascer, Prado São Miguel, tendo sido sepultado no cemitério local.

### **Colégio Dom Diogo de Sousa**

O Colégio Dom Diogo de Sousa foi instituído a 30 de agosto de 1949, como instituição de ensino masculina, com o objetivo de instruir os seus alunos na doutrina e moral cristãs.

Foram seus fundadores Mário Augusto Fernandes Afonso, o padre Joaquim António Alves, José Maria de Freitas e António Duarte da Costa.

Projetando-se inicialmente a sua instalação no Paço de Infias, haveria de ter a sua primeira sede na rua do Alcaide, migrando, alguns meses mais tarde, para as antigas instalações do Colégio de São Tomás de Aquino, na rua Conselheiro Januário.

A partir de 1951 o Monsenhor Elísio de Araújo assumiria a direção do Colégio, tendo, dois anos depois, projetado novas instalações, com o suporte da Arquidiocese.

Os novos edifícios, colégio e internato, ficariam plenamente concluídos em 1960, lançando a instituição numa célebre fase da sua existência.

Com um projeto educativo inovador, fundado na doutrina e moral cristãs, o Colégio D. Diogo de Sousa foi-se afirmando progressivamente como uma das instituições de ensino mais creditadas a nível nacional.

*\*Texto de Rui Ferreira publicado no «Diário do Minho» de 02 de outubro de 2023.*

2.

Igreja Diocesana



## 1. Dos nossos Pastores

# “À medida de Cristo na sua plenitude”.

## A espiritualidade ministerial na Igreja sinodal

*Homilia proferida por Dom José Cordeiro em Fátima, em 07 de setembro, no Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica.*

### **1. Servir o Evangelho**

Um dos traços que emerge na atual compreensão da ministerialidade na Igreja sinodal é a consciência que a sinodalidade não é só uma teologia, mas uma prática espiritual. Uma espiritualidade sinodal é um estilo de vida que integra os três elementos-chave: comunhão, participação e missão.

A ministerialidade significa serviço, não de qualquer maneira, mas um serviço conforme o Evangelho, qual expressão do único e mesmo mistério e ministério salvífico de Cristo. O ministério apostólico, em primeiro lugar, e depois todos os outros que o Espírito suscitou, são a atuação do mistério, como evento inscrito

no mistério da Igreja de Cristo, existindo uma complementaridade entre a ministerialidade e a sacramentalidade, tal como o mesmo Senhor Jesus se apresentou aos seus discípulos.

O caminho é o da humildade, mansidão e paciência: «quem é o mais importante na Igreja? O Papa, os Bispos, os Monsenhores, os Cardeais, os Párocos das Paróquias mais belas, os Presidentes das associações de Leigos? Não. O maior na Igreja é quem se faz servidor de todos, quem serve a todos, não quem tem muitos títulos» (Papa Francisco).

Só a conversão nos dispõe a seguir Jesus Cristo: «Quem entre vós quiser tornar-se grande seja vosso servo e quem entre vós quiser ser o primeiro seja vosso escravo. Será como o filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção dos homens» (Mt 20, 26–28).

## **2. Do mistério ao ministério**

Hoje, a sacramentalidade torna-se uma exigência da ministerialidade da própria Igreja, porquanto o vértice das intervenções de Deus na história aconteceu no mistério de Cristo (encarnação, paixão, morte, ressurreição, ascensão e dom do Espírito) e é do cumprimento de tal mistério que nasce o admirável sacramento de toda a Igreja, «efetivamente foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja» (SC 5). Desta elaboração bíblico-litúrgica brota a compreensão da sacramentalidade como perpetuação do mistério pascal de Cristo no tempo e compreende-se a liturgia como história da salvação em ato, na qual o exercício do sacerdócio de Cristo assegura tal permanência da realidade memorial da sua Páscoa, atualizando-a nos fiéis mediante os sacramentos.

No *Instrumentum laboris* para a sessão sinodal de outubro de 2023 diz: «O Espírito, o mestre da harmonia, ajudará a passar da

caçofonia para a sinfonia». (...) «Uma Igreja “toda ministerial” não é necessariamente uma Igreja “toda de Ministérios instituídos”. Há legitimamente muitos ministérios reconhecidos que não são instituídos, e outros que, através da instituição, recebem formação específica, missão e estabilidade. Crescer como Igreja sinodal implica o compromisso de discernir juntos quais os ministérios que devem ser criados ou promovidos à luz dos sinais dos tempos, como resposta ao serviço do mundo».

Todo o ministério é serviço, mas nem todo o serviço é ministério.

### **3. Da diversidade à unidade**

No caminho sinodal refere-se inúmeras vezes que é tempo de promover uma Igreja ministerial. Porém, importa clarificar o que isso realmente significa e qual o papel de cada um nessa nova configuração. No contexto de uma liderança partilhada / liderança sinodal, o que é específico de cada um, qual o papel dos leigos e qual o papel dos clérigos e de uns em relação para com os outros?

Concretamente, e na certeza de que sempre há uma certa dificuldade em se mudar práticas há muito instituídas, importa uma clarificação objetiva do papel dos Leigos, sendo que o mesmo não pode depender da contínua diminuição do número de sacerdotes registada ao longo dos últimos anos. Ao mesmo tempo, é fulcral nunca confundir serviço com autoridade.

É por causa do Mistério que existem os ministérios e não o contrário. Alguns estão ao serviço de todos para a construção da unidade e da catolicidade da Igreja: «E foi Ele que a alguns constituiu como Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres, em ordem a preparar os santos para uma atividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho

de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4, 11-13).

Com efeito, «há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum» (1Cor 12,4-7; cf. Ef 4,11-13). O primado é da ação do Espírito Santo que distribui os seus dons na edificação da comunidade sinodal.

## *Perdão e diálogo caminho para a paz*

O Arcebispo Metropolitano de Braga apontou o perdão, a reconciliação, a compaixão e o diálogo como meios para se alcançar a concórdia e a paz, quando, em 10 de setembro, presidia à missa solene da peregrinação arceprelato ao santuário de Nossa Senhora do Viso, em Caçarilhe, Celorico de Basto.

«Só o caminho do perdão e do diálogo é que fazem de nós pessoas mais humanas, mais fraternas. Não nos cansemos de dialogar, porque as pequenas e as grandes guerras começam sempre porque desistiram de dialogar, porque acham que têm razão e que não há mais nada para dizer», afirmou Dom José Cordeiro.

Partindo das leituras do dia o Prelado referiu que o cristão deve sempre procurar fazer o bem, escutar os irmãos e perdoar, «mesmo quando eles erram, mesmo quando os outros nos fazem mal ou fazem o mal».

«Às vezes é preferível perder a razão para poder viver em paz, e depois de viver em paz recuperar a razão, porque a razão é o sentido da justiça, da verdade, do amor, mas há muito caminhos para lá chegar e os caminhos que o Evangelho nos aponta, os caminhos

de quem se diz devoto da Senhora do Viso são os caminhos da reconciliação, do perdão, da paz», reforçou.

Ainda que «vivamos num mundo tão complicado», Dom José preconizou que «é possível um mundo novo, viver a harmonia entre as pessoas, viver a paz».

E um exemplo disso foi a experiência com os milhares de jovens na Jornada Mundial da Juventude em Portugal, afirmou.

O Arcebispo Primaz aproveitou o momento para agradecer ao arceprelado, ao município e às comunidades de Celorico de Basto a hospitalidade e o cuidado que tiveram para com os jovens estrangeiros que viveram os Dias na Diocese no território onde nasceu o patrono dos jovens da Arquidiocese para as JMJ, o Venerável Frei Bernardo de Vasconcelos.

«Esse cuidado para nós parece óbvio, mas para aqueles que nos visitaram não esperavam tanto, não esperavam tanta hospitalidade, tanto acolhimento. O que significa que em muitas realidades da Europa e do Mundo já não é possível viver o encontro e a hospitalidade, o acolhimento, a liberdade, a proximidade como sentiram os jovens, os adultos e até os bispos que visitaram a nossa Arquidiocese», disse.

Diante das centenas de peregrinos reunidos no recinto do santuário e ladeado pela imagem da Senhora do Viso, Dom José Cordeiro criticou aqueles que só pensam no seu bem e ignoram os outros quando vão pedir alguma coisa às autoridades.

«A maioria não pede para o povo, não pede para a comunidade, pede para si. O “eu” sobrepõe-se ao “nós”, mas quem faz uma peregrinação, que celebra a Eucaristia é desafiado permanentemente a passar do “eu” ao “nós”», denunciou.

Na celebração, o Prelado lembrou as vítimas do terramoto em Marrocos, que tinha acontecido na véspera, e as vítimas da guerra e de tantos males no mundo, as pessoas que sofrem e as que desistiram de viver, de esperar, de acreditar.

A peregrinação arceprestal à Senhora do Viso, em Caçarilhe, realiza-se sempre no segundo domingo de setembro, contando

com a participação das paróquias do Arciprestado, que se fazem representar por fiéis e bandeiras. O título Senhora do Viso tem a interpretação do olhar, da contemplação.

«Senhora do Viso pode significar a beleza da criação, a beleza da visão, a beleza daquilo que se vê, e mais belo do que o rosto humano não existe», explicou D. José Cordeiro, nesta que foi a sua primeira peregrinação à Senhora do Viso enquanto Arcebispo de Braga.

## *Atividades pastorais*

*setembro/2023*

*Dom José Cordeiro*

*Nota: os textos em itálico são citações textuais de escritos inseridos por Dom José Cordeiro no Facebook.*

- 03 – Concelebrou no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, na entrada solene do novo Patriarca, Dom Rui Valério.
- 04 – Presidiu em Fátima a uma reunião de delegados aos congressos eucarísticos.
- 04 a 07 – Participou em Fátima no 47.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica.
- 05 – *Sabia que o 5.º Congresso Eucarístico Nacional (5.º CEN) acontece em Braga de 31 de maio a 2 de junho de 2024!?*

*Com o objetivo de preparar a participação da Igreja presente em Portugal no 5.º Congresso Eucarístico Nacional (5.º CEN), a realizar-se em Braga de 31 de maio a 2 de junho de 2024, bem como no 53.º Congresso Eucarístico Internacional (53.ºIEC), a realizar-se em Quito (Equador), reuni-me, esta segunda-feira, 4 de setembro, em Fátima, com os delegados diocesanos para os Congressos Eucarísticos.*

*Espero que possa participar no Congresso Eucarístico de Braga.*

*Em breve, daremos mais detalhes sobre o programa e inscrições.*

+ info: <https://www.diocese-braga.pt/noticia/1/38492>

- 07 – *Conto com a sua presença (na II assembleia sinodal).*
- 10 – *Presidiu em Caçarilhe, Celorico de Basto, à peregrinação ao santuário da Senhora do Viso.*  
*Em Borba da Montanha confirmou 69 jovens e inaugurou obras de reabilitação na igreja paroquial*
- 12 – *A Eucaristia é o alimento que dá sentido à esperança e à nossa existência. Encontro-me já na cidade de Quito, no Equador, para a Assembleia Plenária do Pontifício Comité para os Congressos Eucarísticos Internacionais, reunido com os outros delegados das conferências episcopais, para prepararmos o 53.º Congresso Eucarístico Internacional.*  
*Entregou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, um terço e o livro das Memórias da Irmã Lúcia, em língua espanhola, a D. Alfredo José Espinoza Mateus, SDB, Arcebispo Metropolitano de Quito e Primaz do Equador.*  
*A imagem foi uma oferta do Santuário de Fátima, na pessoa do seu reitor, padre Carlos Cabecinhas, à Diocese de Quito.*  
*A reunião terminou no dia 15.*
- 13 – *Fátima Castro, missionária na paróquia de Santa Cecília de Ocua, Pemba, Moçambique, neste episódio de "O tempo é agora", partilha a sua experiência naquele território adotado pela arquidiocese de Braga. Ficamos também os principais projetos que estão a ser implementados pela equipa missionária.*
- 14 – *A Irmã Emília Almeida da Congregação da Divina Providência e Sagrada Família integra a equipa sinodal da Arquidiocese de Braga*  
*Além de antecipar a II Assembleia Sinodal da nossa*

Arquidiocese, a Irmã Emília dá-nos a sua perspetiva sobre o processo e a Igreja Sinodal.

Pode ler a entrevista completa na edição desta semana do Igreja Viva em: <https://arquidiocese-braga.pt/igreja-viva/38546>

- 17 – Presidiu à celebração da Eucaristia na capela de Guadalupe (S. Vítor, Braga), onde foi prestada homenagem póstuma ao Padre António Manuel de Sousa Fernandes.
- 20 – E para si, o que é uma Igreja Sinodal?  
Durante a II Assembleia Sinodal Arquidiocesana, que aconteceu no último sábado, 16 de setembro, ouvimos alguns participantes e o palestrante, padre Sérgio Leal.  
#Sinodo #igreja #sinodal #assembleia #braga #portugal #papafrancisco #walkingtogether #synod #arquidiocesedebraga
- 23 – *Participou no Sameiro no Dia do Catequista. Em continuidade ao trabalho que vem sendo feito, a Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis da Arquidiocese de Braga realiza durante o dia de hoje uma Ação de Formação, orientada por dois psiquiatras especialistas. #protecao #formacao #arquidiocesedebraga*  
*A Arquidiocese de Braga está empenhada em formar os catequistas para prevenir e identificar eventuais casos de abusos de menores.*
- 24 – Presidiu na Sé a uma missa m sufrágio por Mons. Elísio Fernandes Araújo no centenário do seu nascimento.
- 25 – *Assembleia do Clero*

*"Os momentos de partilha e reflexão são essenciais para que se renovem os laços de fraternidade que unem os membros do presbitério da nossa Arquidiocese de Braga. O tempo presente coloca-nos muitos desafios; um desses desafios é a formação dos presbíteros, os atuais e os futuros. Nesse sentido, preciso da tua presença no próximo dia 17 de outubro, na Assembleia do Clero, que se vai realizar no Espaço Vita, sob o tema: Da alegria do chamamento à alegria de chamar (cf. Cartaz em anexo). Espero ver-te nesse dia, porque a Igreja do futuro começa a construir-se hoje e com o contributo de todos, na escuta do Espírito Santo."*

*Cordialmente em Cristo, nossa Esperança*

*+ José Cordeiro Arcebispo Primaz*

*30 - A partir de Roma, onde me encontro a participar no "Meeting Europeu das Vocações", a minha mensagem ao Conselho Arquiepiscopal da Pastoral Juvenil.*

*Dom Delfim Gomes*

De 02 a 10 de setembro – Curso dos novos Bispos em Roma

- 12 - Visita à Santa Casa da Misericórdia de Braga: Eucaristia na Capela da ERPI N. Sra. da Misericórdia (Sta. Tecla); visita às instalações das Creches; recepção oficial na ERPI Nevarte Gulbenkian e visita às instalações; visita à Farmácia da Misericórdia; visita à Igreja do Hospital de S. Marcos e Capela de S. Bento Jantar.
- 13 - Visita Pastoral às paróquias de Faria de Vilar de Figos, no arciprestado de Barcelos.  
Na primeira, visita ao cemitério, celebração com Santa União, jantar.  
Em Vilar de Figos: visita à igreja e encontro com jovens.
- 14 - Visita Pastoral a Milhazes e a Paradela. Em cada uma delas, visita à igreja e ida ao cemitério.

- À noite, reunião do C.AAE com a Confraria do Sameiro
- 15 - Assembleia interparoquial em Milhazes.
  - 16 - Assembleia Sinodal  
Bênção da casa paroquial de Fornelos.  
Inauguração da Capela de Nossa Senhora da Salvação em Gilmonde.  
Inauguração do adro da igreja de Vila Seca.  
Continuação das visitas paroquiais a Vilar de Figos e a Milhazes.
  - 17 - Continuou as visitas pastorais a Pardela e a Faria.
  - 18 - Visita Pastoral em Vila Cova. Assembleia paroquial.
  - 19 - Visita paroquial a Mariz. Assembleia paroquial.
  - 20 - Reunião do Conselho Permanente do Conselho Presbiteral.  
Reunião do Conselho Episcopal.  
Visita Pastoral - Formação Litúrgica - St<sup>a</sup> Eugénia.
  - 21 - Visita Pastoral à paróquia de Perelhal. Celebração da Palavra e sacramento da Santa Unção. Eucaristia. Assembleia Paroquial.
  - 22 - Visita Pastoral a Vila Cova. Visita ao Centro Social. Celebração da Palavra e Unção dos Enfermos.  
Reunião da ACEGE.
  - 23 - Dia Arquidiocesano do Catequista.  
Encontro com as crianças da catequese em Perelhal.  
Em Vila Cova: encontro com a Catequese e Missa de encerramento.
  - 24 - Eucaristia de encerramento em Mariz e em Perelhal.
  - 26 - Reunião da Comissão para a Educação Cristã e Doutrina da Fé, em Albergaria.  
Reunião do Conselho Arquidiocesano para os Assuntos Económicos da Arquidiocese de Braga.
  - 27 - Visita Pastoral à paróquia de Gual: na capela de Santo António; na escola Eb1; na Junta de Freguesia e

- associações locais; Eucaristia e romagem ao cemitério.  
Reunião CEP de Barcelinhos.
- 28 - Eucaristia e Encontro da União das IPSS da Arquidiocese  
Visita Pastoral à paróquia de Alvelos: na Capela de Santa Cruz; na escola Eb1; na Junta de Freguesia e associações locais;  
Eucaristia e visita ao cemitério; assembleia inter-paroquial
- 29 - Visita Pastoral à paróquia de Carvalhal. Receção na capela do Senhor da Saúde. Na Escola Eb1. Eucaristia com a Santa Unção interparoquial. Visita à Junta de Freguesia e associações locais. Reunião com os CEP's. Encontro juvenil de todas as paróquias.
- 30 - Abertura Regional do Ano Escutista em Vila Verde. Visita pastoral e Eucaristia em Gual. Eucaristia em Alvelos.

*Outubro*

- 01 - Eucaristia de encerramento da visita pastoral a Carvalhal.  
Em Barcelinhos: Eucaristia. Tomada de posse do novo Pároco.

## 2 – Serviços Centrais

# *Decretos de aprovação de estatutos*

*Dom José Manuel Garcia Cordeiro promulgou  
decretos que aprovam os estatutos de:*

**CENTRO PAROQUIAL DE SANTA MARIA**, sedado na paróquia de Santa Maria de Oliveira, Concelho de Vila Nova de Famalicão, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e uma páginas (incluído o averbamento) autenticada com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, Processo n.º 4121 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de setembro de 2023.*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE RIBEIRACÁVADO**, sedeedo na paróquia de São Martinho de Ventosa, Concelho de Vieira do Minho, Arciprestado de Vieira do Minho e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e oito Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e quatro páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, no Processo n.º 4207/ 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de setembro de 2023.*

Decreto de alteração de denominação e aprovação de estatutos:

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**, sita na paróquia de Divino Salvador do Souto, Concelho de Guimarães, Arciprestado de Guimarães e Vizela e Arquidiocese de Braga, passa a denominar-se **CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SOUTO SÃO SALVADOR**.

Os novos ESTATUTOS pelos quais se há-de reger de ora em diante constam de cinquenta e cinco Artigos, distribuídos por oito capítulos, exarados em vinte e três páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, na Secção das Associações de Fiéis, Processo n.º 4037 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de setembro de 2023.*

## *Provisões a corpos gerentes*

*Dom José Manuel Garcia Cordeiro assinou provisões que aprovam os corpos gerentes de:*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE CHORENSE**,  
sito na Paróquia de Santa Marinha de Chorense, Arciprestado de Terras de Bouro, Concelho de Terras de Bouro e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

### *DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	P.e Vítor José da Silva Couto
<b>Vice Presidente:</b>	P.e Almerindo Martins da Costa
<b>Secretário:</b>	José Augusto Dias Martins
<b>Tesoureira:</b>	Maria de Lurdes Cracel Almeida
<b>Vogal:</b>	Elsa Filipa da Silva Rocha

### *CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Maria Manuela Soares Esteves
<b>Secretário:</b>	Luís Fernando Gonçalves Martins
<b>Vogal:</b>	Maria Manuela Carvalho Antunes

Esta homologação é válida de 26 de setembro de 2023 a 26 de setembro de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 4174 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 26 de setembro de 2023.*

**CENTRO SOCIAL DIVINO SALVADOR DE VALDREU**, sito na Paróquia de Divino Salvador de Valdreu, Arciprestado de Terras de Bouro, Concelho de Vila Verde e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	Pe Vítor José da Silva Couto
<b>Vice-Presidente:</b>	Pe Almerindo Martins da Costa
<b>Secretária:</b>	Isabel Cristina Araújo Pereira de Sousa
<b>Tesoureiro:</b>	Manuel Antunes Martins
<b>Vogal:</b>	Florentino Rodrigues Costa

*CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Maria Alice Fernandes Marques Silva
<b>Secretária:</b>	Elsa Manuela Dias Lima
<b>Vogal:</b>	Vera Lúcia dos Santos Lopes Barros

Esta homologação é válida de 26 de setembro de 2023 a 14 de dezembro de 2025.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 4172 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 26 de setembro de 2023.*

**CONFRARIA DE SANTO ANTÓNIO DE MIXÕES DA SERRA**, sita na Paróquia de Divino Salvador de Valdreu, Arciprestado de Terras de Bouro, Concelho de Vila Verde e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*ASSEMBLEIA GERAL*

<b>Presidente:</b>	Manuel Antunes Martins
<b>Secretários:</b>	Florentino Rodrigues da Costa António Morim de Barros

### *DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	Pe Vítor José da Silva Couto
<b>Secretário:</b>	João Martins da Costa
<b>Tesoureiro:</b>	João Lomba e Costa
<b>Vogais:</b>	Domingos Augusto de Sousa Costa João Manuel Gonçalves Arantes

### *CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	António Filipe Cerqueira Antunes
<b>Vogais:</b>	António Araújo Martins e Domingos Bernardino Correia Marques

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:* Pe Almerindo Martins da Costa

Esta homologação é válida de 26 de setembro de 2023 até 29 de outubro de 2025.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 4175 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 26 de setembro de 2023.*

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**, sita na Paróquia de Santa Marinha de Forjães, Arciprestado de Esposende, Concelho de Esposende e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

### *MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

<b>Presidente:</b>	José Amândio Martins Dias
<b>Secretários:</b>	Manuel Lima Ribeiro Torres Maria Fernanda Pereira da Silva

### *MESA ADMINISTRATIVA*

<b>Presidente:</b>	Maria Júlia da Costa Cruz Dias Abreu
<b>Secretária:</b>	Maria Augusta Dias Moura
<b>Tesoureiro:</b>	Manuel da Costa Cruz Dias

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** António Dores Durães  
**Vogais:** José Carlos Ribeiro Dias  
Manuel António Cruz dos Santos

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:* Pe José Manuel Ferreira Ledo

Esta homologação é válida de 15 de janeiro de 2022 até 15 de janeiro de 2026.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 4122 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de setembro de 2023.*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE VIEIRA DO MINHO**, sito na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vieira do Minho, Arciprestado de Vieira do Minho, Concelho de Vieira do Minho e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

**Presidente:** Pe Nuno Duarte Pereira Campos  
**Vice-Presidente:** Carlos Alberto Rodrigues Figueira  
**1.º Secretário:** José Braga Fernandes  
**2.ª Secretária:** Maria Helena Gonçalves Pereira Vieira  
**Tesoureira:** Maria da Graça Martins Pereira

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Helena Maria Costa da Silva  
**Secretário:** Orlando Sérgio Monteiro da Silva  
**Vogal:** Augusto Alfredo Fernandes Vieira

Esta homologação é válida de 25 de junho de 2023 a 25 de junho de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 4115 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de setembro de 2023.*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE CANTELÃES**, sito na Paróquia de Santo Estêvão de Cantelães, Arciprestado de Vieira do Minho, Concelho de Vieira do Minho e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

**DIREÇÃO**

<b>Presidente:</b>	Pe Nuno Duarte Pereira Campos
<b>Vice-Presidente:</b>	Maria João Gonçalves Teixeira
<b>1.ª Secretária:</b>	Hélder José Carneiro Ribeiro
<b>2.º Secretário:</b>	Agostinho Veloso Vieira da Costa
<b>Tesoureira:</b>	Fernanda Manuela Teixeira Ribeiro Lopes

**CONSELHO FISCAL**

<b>Presidente:</b>	Fernando Fernandes de Sousa
<b>Secretário:</b>	José Luís Vieira Fernandes
<b>Vogal:</b>	Manuel Martins Capela Lopes

Esta homologação é válida de 15 de setembro de 2023 a 15 de março de 2024.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 4116 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de setembro de 2023.*

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SOUTO SÃO SALVADOR**, sita na Paróquia de Divino Salvador do Souto, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de, Braga, constituídos por:

*MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** José Ricardo Oliveira Fernandes  
**Secretários:** Bento Francisco Cunha Fernandes  
Marco Paulo Oliveira Fernandes

*MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** Manuel Pereira Fernandes  
**Secretário:** José Manuel Soares da Silva  
**Tesoureiro:** Manuel Martins

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Domingos Rodrigues Marques  
**Vogais:** José Manuel Fernandes Pereira  
Fernando António Fernandes Salgado

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:* P.e Albano de Sousa Nogueira

Esta homologação é válida de 24 de abril de 2022 até 24 de abril de 2026.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 4038 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de setembro de 2023.*

**CENTRO PAROQUIAL DE MOREIRA DE CÓNEGOS,**  
sito na Paróquia de São Paio de Moreira de Cónegos, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

**Presidente:** P.e Daniel Cardoso Pereira  
**Secretário:** Júlio Fernando da Cunha Ferreira  
**Tesoureiro:** Eduardo Ferreira Pereira  
**Vogais:** Joaquim Mendes Freitas  
Joaquim Jorge da Silva Oliveira

### *CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Vítor António Abreu Costa Ferreira
<b>Secretário:</b>	José Armando da Silva Amorim Lobo
<b>Vogal:</b>	Fernando Jorge Leiras Sampaio

Esta homologação é válida de 05 de setembro de 2023 a 05 de setembro de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 3990 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de setembro de 2023.*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE GOLÃES**, sito na Paróquia de São Lourenço de Golães, Arciprestado de Fafé, Concelho de Fafé e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

### *DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	Pe Filipe Miguel Pinheiro Alves
<b>Vice-Presidente:</b>	António Fernandes Silva
<b>1.º Secretário:</b>	Florêncio Lopes
<b>2.ª Secretária:</b>	António Fernandes Rocha
<b>Tesoureiro:</b>	José Manuel Ribeiro Batista

### *CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Cristina Celina Nogueira Silva
<b>Secretária:</b>	Maria do Céu Nogueira de Sousa Fonseca
<b>Vogal:</b>	Domingos Gonçalves de Freitas

Esta homologação é válida de 12 de setembro de 2023 a 16 de agosto de 2024.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 3986 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de setembro de 2023.*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE REQUIÃO**, sito na Paróquia de São Silvestre de Requião, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

**Presidente:** Pe Domingos Manuel Ferreira Machado  
**Vice-Presidente:** João Carlos Pereira Alves Ferreira  
**1.ª Secretária:** Helena Maria Cardoso da Silva  
**2.ª Secretária:** Daniela Filipa Machado Torres  
**Tesoureiro:** Carla Cristina Ferreira Rodrigues

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** José Martins Oliveira  
**Secretário:** Joaquim Alves Barbosa  
**Vogal:** Miguel da Costa Figueiredo

Esta homologação é válida de 30 de julho de 2023 a 30 de julho de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 3922 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de setembro de 2023.*

**CENTRO DE SOLIDARIEDADE ESPÍRITO SANTO**, sito na Paróquia de São Tiago de Fraião, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

**Presidente:** Maria Emília de Matos Vitorino  
**Secretária:** Maria da Ascensão Marques Lourenço  
**Tesoureira:** Maria Filipa de Carvalho Veríssimo

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Maria Augusta Alves Vilas Boas  
**Secretária:** Maria da Conceição Ferreira da Costa  
**Vogal:** Joaquina Martins da Silva

Esta homologação é válida de 12 de setembro de 2023 a 12 de setembro de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 3984 / 2023.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de setembro de 2023.*

### 3 – Programa Pastoral

## *Assembleia sinodal*

A II Assembleia Sinodal na Arquidiocese de Braga realizou-se em 16 de setembro no Auditório Vita.

A intervenção inicial coube a Dom Delfim Gomes. Sublinhou que o centro e protagonista do processo sinodal é o Espírito Santo, cabendo a todos os fiéis escutar o que ele diz à Igreja, neste momento da história. Salientando que este é “um tempo de oportunidade”, lembrou que é um direito de todos participar neste processo.

Dom José Cordeiro, que se encontrava a representar o episcopado português no 53º Congresso Eucarístico Internacional em Quito, Equador, enviou uma intervenção pré-gravada em que anunciou que os contributos desta assembleia constituiriam um contributo para um plano de pastoral da Arquidiocese para um horizonte de 10 anos. Outros contributos sairiam de uma assembleia do clero a realizar em outubro. O plano será posteriormente elaborado, segundo disse, pelo Conselho Diocesano de Pastoral.

O padre Sérgio Leal, da diocese do Porto, apresentou um trabalho sobre como fazer sinodalidade. Disse que a reforma da Igreja e a conversão pastoral a que ela é chamada deve implicar todos. Reconheceu que o caminhar juntos exige aprender a “acertar o passo” com os outros, prestando atenção ao seu caminhar. Isto passa

não apenas pela mudança de práticas e de estruturas, mas por uma “conversão pessoal”.

Reconheceu, por outro lado, que o discernimento que o processo sinodal exige não é fácil, requerendo que cada um “fale com liberdade e escute com humildade”. Acentuou que, nos processos de escuta busca-se não a lógica das maiorias, mas a construção de consenso e de comunhão.

Estabeleceu ainda uma relação entre sinodalidade e fraternidade, ao defender que um déficit de sinodalidade está normalmente associado a um déficit de fraternidade. Ou seja, a prática da fraternidade é condição fundamental para fazer sinodalidade.

A Assembleia decorreu da necessidade sentida de dar seguimento às preocupações expressas na síntese diocesana, debatida e aprovada em junho de 2022, em resultado da auscultação do povo de Deus, em todo o mundo, no âmbito do Sínodo sobre a Sinodalidade.

Em maio último, a coordenadora diocesana do Sínodo propôs que os grupos existentes ou outros que se viessem a constituir refletissem sobre quais as prioridades (até três) para o futuro do processo sinodal, tendo sido elaborado, para tal, um documento de apoio e orientação. As respostas foram aceites até 31 de julho e deveriam ser debatidas nesta II Assembleia Sinodal.

Os resultados foram agora apresentados, sendo as problemáticas escolhidas as seguintes, por ordem decrescente de escolha:

1. Apostar na formação de qualidade a todos os níveis e nomeadamente em Bíblia;
2. Cuidar da escuta e da construção de uma cultura do acolhimento na Igreja;
3. Cuidar da dimensão espiritual e celebrativa, designadamente a qualidade das homilias e do canto;
4. Atenção às questões da linguagem e da comunicação;
5. Priorizar a missão, atendendo particularmente a novas questões que se colocam nos campos da ecologia, trabalho, escolas e universidades;

6. Alimentar o espírito de comunhão nas comunidades paroquiais, na relação destas com movimentos e com as instâncias centrais da diocese;

7. Fomentar o diálogo e participação na tomada de decisões, incentivando o bom funcionamento dos conselhos de pastoral paroquiais.

## *Ser testemunhas credíveis do Evangelho*

Ausente em Roma, onde participou no «Meeting Europeu das Vocações», Dom José Cordeiro enviou em 30 de setembro uma mensagem em vídeo ao Conselho Arquiepiscopal da Pastoral Juvenil. Nela exortou os jovens da Arquidiocese a continuarem a caminhada iniciada na Jornada Mundial da Juventude (JMJ 2023) que se realizou em Lisboa na primeira semana de agosto.

“Caríssimos jovens, padres, consagrados, adultos na fé que acompanhais os jovens, gostaria de saudar a todos e a cada um de vós, aí no Conselho Arquiepiscopal para Pastoral Juvenil.

Antes de mais, dizer do fundo do coração muito obrigado ao Comité Organizador Diocesano e aos Comités Organizadores Arciprestais [da Jornada Mundial da Juventude] por tudo aquilo que foi o percurso, que foi a caminhada da Jornada Mundial da Juventude». “Queremos continuar juntos, uns com os outros, a buscarmos o sentido pleno da vida”.

O Arcebispo Primaz deixou clara a vontade de que a Arquidiocese leve agora mais longe a aventura iniciada na JMJ Lisboa 2023. Para isso, importa “arriscarmos juntos novos caminhos no encontro com Cristo, como os outros, com o mundo e com a história, nesta Casa Comum”.

Dom José sublinhou que “buscar e arriscar é o percurso de peregrinação” que deseja para a Igreja de Braga. Trata-se de uma caminhada que “queremos fazer juntos”.

“Caminheemos juntos e juntos com Cristo sejamos também estas testemunhas credíveis do Evangelho, hoje”, disse.

## *Informações diversas*

**Oficina de Oração e Espiritualidade.** Tendo em conta a sua missão de proporcionar formação transversal aos adultos da Arquidiocese e percebendo a importância e urgência de cultivar a dimensão espiritual de cada cristão, o Departamento Arquidiocesano para a Formação e Ministérios Laicais promoveu uma Oficina de Oração e Espiritualidade no dia 30 de setembro no Centro Pastoral da Arquidiocese. Foi orientada pelo Pe. Nelson Faria, sj.

**O dia do catequista** celebrou-se em 23 de setembro no santuário de Nossa Senhora do Sameiro com o tema «Catequese e Cultura do Cuidado».

Porque a Arquidiocese está empenhada em formar os catequistas para prevenir e identificar eventuais casos de abusos de menores, foram abordados sinais, causas e contextos de risco e sugeridas medidas de prevenção.

D. José Cordeiro, que participou no encontro, disse que “cada vez mais nós precisamos de formação, de clarividência na proteção, no cuidado, no acompanhamento das crianças, dos adolescentes, dos jovens, dos adultos e dos mais velhos, de um modo especial dos mais vulneráveis”.

Insistiu no “cuidado da pessoa humana, olhando-a como ‘terra sagrada’, para que não aconteçam abusos, seja de que tipo for: de consciência, de poder, sexuais, espirituais”.

“Juntos devemos ser capazes de ultrapassar todas estas dificuldades e fazer com que estes abusos não voltem a acontecer no

âmbito da Igreja», afirmou, defendendo um trabalho interdisciplinar e apontando como indispensáveis «a formação e a cultura do cuidado em todos os âmbitos da Pastoral, e de um modo especial onde estão as crianças e adultos vulneráveis”.

**Arciprestado de Barcelos.** Informações divulgadas na reunião do clero realizada em 20 de setembro no Centro Espírito Santo e Missão (CESM), na Silva:

Encontros de preparação para o matrimônio terão lugar nos dias 24 de fevereiro e 02, 16 e 23 de março.

A Equipa Arciprestal da Pastoral Juvenil apresentou as contas referentes, a nível arciprestal, a tudo o que diz respeito à Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e disse que “é urgente fazer um encontro pós-JMJ”, acrescentando que “da equipa do Comité Organizador Arciprestal (COA) se deve criar a equipa da pastoral juvenil que não existe”.

O padre Paulo Jorge Brás de Sá sugeriu que se façam três encontros: um no Dia Mundial da Juventude, outro na Quaresma e outro nas férias.

O padre Pedro Lino, delegado arciprestal para a catequese, informou que, no próximo dia 30 deste mês de setembro, se vai realizar um encontro de coordenadores de catequistas do arciprestado de Barcelos.

No dia oito de outubro começam as Visitas Pastorais na zona sul do arciprestado de Barcelos, com uma concelebração eucarística, às 17h00, no santuário de Nossa Senhora da Franqueira, com a presença dos dois bispos da Arquidiocese.

O padre Abílio Fernando Alves Cardoso informou que vai fazer uma experiência missionária na paróquia de Alvor, no Algarve.

A próxima reunião dos sacerdotes que trabalham e/ou residem no arciprestado de Barcelos ficou marcada para o dia 18 de outubro, às 09h30, no CESM. Os párocos de Barcelos são 27, para 89 paróquias. Os não-párocos residentes no arciprestado são nove.

## *Serviços Pastorais* *Nomeações Eclesiásticas*

Dom José Manuel Garcia Cordeiro, Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas, perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedeu às seguintes nomeações:

- **Padre António Ferreira Machado**, dispensado de Administrador Paroquial da paróquia de Lousado (Santa Marinha), arceprelado de Vila Nova de Famalicão.

- **Padre José Carlos Leite Macedo**, dispensado de Pároco “in solidum” da Paróquia de Basto (São Clemente), arceprelado de Celorico de Basto.

- **Padre Carlos Miguel Teixeira da Mota da Costa Leme**, nomeado Diretor Espiritual da Legião de Maria (Legio Mariae) do arceprelado de Barcelos.

- **Padre Giovane de Souza**, nomeado Colaborador da paróquia da Matriz (Nossa Senhora da Conceição), arceprelado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 15 de setembro de 2023*

*Cónego João Paulo Coelho Alves, chanceler*

## *Notícias diversas*

**Mons. Elísio Fernandes de Araújo.** O Colégio Dom Diogo de Sousa prestou em 24 de setembro homenagem póstuma a Mons. Elísio Fernandes de Araújo, no centenário do seu nascimento.

O programa incluiu Missa na Catedral, a que presidiu Dom José Cordeiro.

O **Padre António Manuel de Sousa Fernandes** foi homenageado postumamente, em 17 de setembro, na Capela de Nossa Senhora de Guadalupe, em Braga, de que foi capelão desde 1993 até ao seu falecimento. Presidiu Dom José Cordeiro. A homenagem incluiu a celebração da Eucaristia e a inauguração de um memorial no exterior da capela.

O **Cónego Mário Martins Chaves Rodrigues** foi eleito em 07 de setembro, na Domus Carmeli, em Fátima, presidente da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Canonistas. Terá como secretários dois sacerdotes da Arquidiocese de Braga, Manuel Joaquim Miranda e Alexandre Sá.

O **Padre Serafim da Silva Ferreira**, com 86 anos de idade, despediu-se em 09 de setembro das paróquias de S. Jorge de Selho (Pevidém) e S. Miguel do Paraíso, no arceprelado de Guimarães e Vizela, que serviu durante 48 anos (desde 28 de maio de 1975).

**Padre João Cardoso de Oliveira.** O livro «João Cardoso de Oliveira – homem e sacerdote» foi apresentado em 03 de setembro, no Mosteiro de Tibães, por José Miguel Braga.

**Retiro espiritual.** No início de um novo ano, em que se auguram novos desafios, etapas e alegrias, os alunos do primeiro e do segundo ano do Seminário Conciliar de Braga realizaram, do dia 4 a 9 de setembro, o retiro espiritual, tomando consciência do mistério interior e da felicidade que Deus nos propõe através do serviço.

Somos desafiados então a caminhar com os pés descalços, tendo noção das nossas bases e raízes. A nossa família, os nossos amigos, a nossa fé em Cristo e a nossa história são sempre essências que fazem parte de nós. Caminhar descalço é então caminhar com a liberdade dessas essências. Seguir os passos de Jesus que lavou os pés à humanidade é aceitar o convite à sua intimidade, à sua confiança e ao seu amor.

[*Texto: Gonçalo Alves*]

## 4 – Religiosos/as

### *Notícias diversas*

**Bernardete Mendes Fernandes**, da Comunidade do Mosteiro da Visitação de Santa Maria, de Braga, (Rua dos Irmãos Roby), faleceu em 13 de setembro.

Celebrada Missa exequial na capela do Mosteiro, foi sepultada no cemitério de S. Jerónimo de Real, em jazigo da Comunidade.

**Maria de Lurdes da Silva**, também da Comunidade do Mosteiro da Visitação de Santa Maria de Braga, faleceu no dia 16 de setembro.

O funeral realizou-se no dia 18. Celebrada Missa exequial na capela do Mosteiro foi sepultada no cemitério da Póvoa de Varzim, de onde era natural.

**Custódia Rodrigues Gonçalves**, das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, faleceu em 15 de setembro na residência da Rua Dom Pedro V, n.º 1, S. Vítor, Braga.

O funeral realizou-se no dia seguinte, com Missa exequial na capela daquela residência. Foi sepultada no Cemitério de Monte d'Aros, em jazigo da Comunidade.

Tinha 96 anos de idade e era natural de Ribeira, Ponte de Lima.

## 5 – Património

*Notícias diversas*

**Novas peças no Museu Pio XII.** O Museu Pio XII, em Braga, está, desde 21 de setembro, “imensamente mais rico”, com a doação de mais 25 peças de arte.

Hamilton Gonçalves, que ofereceu 14 das 25 peças, confirmando-se, assim, como um dos principais doadores de peças do Museu Pio XII; António Alberto Correia Martins, que doou um armário relicário, com um recheio “fabuloso”, devidamente identificado, o que “inflaciona” sobremaneira o valor do conjunto; e Santiago Belacqua, que doou uma das suas pinturas de Pietá, ele que é, provavelmente, o pintor que mais Pietás pintou a nível mundial.

**A comunidade paroquial de Santa Maria de Borba da Montanha**, arceprestado de Celorico de Basto, inaugurou em 10 de setembro as obras de reabilitação da sua Igreja Paroquial, em cerimónia a que presidiu Dom José Cordeiro. O programa incluiu a confirmação de 69 jovens.

O Arcebispo Primaz, partindo da liturgia do dia, incentivou a comunidade e sobretudo os jovens a ter consciência da presença viva de Jesus Cristo no seu meio, incentivando-os a ser comunidade viva porque nela está a Fonte da Vida. «A certeza de que quando dois ou três estão reunidos no nome do Senhor, Ele está presente, como no dia de Páscoa, e sacia a nossa sede de vida e vida em plenitude, porque Ele é a Fonte da Vida plena».

## 6 – Educação da Fé

### *Congressos eucarísticos*

A fim de preparar a participação da Igreja presente em Portugal no 5.º Congresso Eucarístico Nacional (5.º CEN), a realizar-se em Braga de 31 de maio a 2 de junho de 2024, bem como no 53.º Congresso Eucarístico Internacional (53.º IEC), a realizar-se em Quito (Equador), reuniram-se no dia 04 de setembro, em Fátima, os delegados diocesanos para os Congressos Eucarísticos, sob a presidência de Dom José Cordeiro, delegado nacional da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) para os Congressos Eucarísticos.

“Partilhar o Pão, alimentar a Esperança. ‘Reconheceram-n’O ao partir o Pão’ (Lc 24,35)”, foi o tema aprovado pela 207.ª Assembleia Plenária da CEP para o 5.º CEN.

A Arquidiocese de Quito (Equador) foi designada como sede do 53.º Congresso Eucarístico Internacional, de 8 a 15 de setembro de 2024, sob o tema: “Fraternidade para curar o mundo. ‘Todos vós sois irmãos’ (Mt 23,8)”. O Papa Francisco fez esta designação por ocasião da celebração do 150.º aniversário da consagração do país ao Sagrado Coração de Jesus – a primeira nação do mundo a fazê-lo.

Dom José Cordeiro participou na Assembleia Plenária do Pontifício Comité para os Congressos Eucarísticos Internacionais que decorreu em Quito, capital do Equador, entre os dias 11 e 15 de setembro.

O Arcebispo Primaz é o Delegado da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) para os Congressos Eucarísticos Internacionais. A assembleia plenária costuma realizar-se na cidade onde acontecerá o Congresso Eucarístico Internacional, desta vez em setembro do próximo ano. Será o 53º Congresso Eucarístico Internacional, com o tema “Fraternidade para curar o mundo. Vós sois todos irmãos”.

Para Dom José essa é sempre “uma experiência de catolicidade, de sentirmos a universalidade da Igreja e sentirmos que somos um só povo, que caminha por Cristo com Cristo e em Cristo, e encontra na Eucaristia a centralidade deste caminho, o alimento, o pão espiritual, o pão da vida, o pão que dá sentido à esperança e à nossa existência”.

## *Notícias diversas*

**Peregrinação à Penha.** A peregrinação do arceprelado de Guimarães e Vizela ao santuário da Penha realizou-se em 10 de setembro, com partida da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. À chegada à Penha presidiu à celebração da Eucaristia o Arcebispo Emérito, Dom Jorge Ortiga.

**Senhora do Alívio.** A peregrinação do arceprelado de Vila Verde ao santuário de Nossa Senhora do Alívio realizou-se em 10 de setembro. Presidiu à Missa o Arcebispo Emérito Dom Jorge Ortiga.

**Senhora do Viso.** A peregrinação do arceprelado de Celorico de Basto ao santuário de Nossa Senhora do Viso, em Caçarilhe, realizou-se em 10 de setembro. Presidiu o Arcebispo Primaz, Dom José Cordeiro.

A romaria de Nossa Senhora do Porto de Ave, em Taíde, arceprelado de Póvoa de Lanhoso, teve o seu ponto alto, em 03 de setembro.

O **Movimento da Mensagem de Fátima** promoveu em 24 de setembro uma peregrinação diocesana ao Sameiro, com o lema «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lucas 1, 39).

O programa incluiu uma adoração e procissão eucarística.

A **Escola Arquidiocesana de Música Litúrgica – São Frutuoso (EMLSF)** apresenta para o ano letivo 2023/2024 uma oferta formativa composta pelo Curso Básico de Música Litúrgica, Curso Geral de Música Litúrgica (com opção de órgão e canto), Curso Livre de Adultos, Iniciação ao Canto Gregoriano, iniciação à Música Litúrgica para Crianças e aulas livres.

Aquela Escola integra a Escola Arquidiocesana de Ministérios e fornece aos alunos as competências musicais, litúrgicas e espirituais necessárias para o exercício dos vários ministérios musicais litúrgicos, nomeadamente o ministério de cantor e organista.

É gerida pelo Departamento Arquidiocesano para a Música Sacra e está sediada em Braga na Paróquia de Real.

## 7 – Apostolado dos Leigos

### *Notícias diversas*

A **Associação de Música Sacra de Braga** celebrou o 5.º aniversário com um conjunto de atividades que decorreram entre 09 e 24 de setembro.

**Catequistas do arceprelado de Guimarães e Vizela** reuniram em 11 de setembro no Centro Paroquial de Nossa Senhora da Conceição.

O encontro foi uma ação de esclarecimento relativa a dois cursos de formação: «Acreditar» e «Ser Catequista».

A **Pastoral Universitária** recomeçou atividades em 12 de setembro. Presidiu à celebração da Eucaristia o Cónego Eduardo Duque.

A **Abertura Regional do Ano Escutista (ARAE)** realizou-se em 30 de setembro em Vila Verde e congregou cerca de oito mil escuteiros de todos os agrupamentos da Região de Braga.

Esta atividade marcou o fim do mandato dos órgãos sociais da Região de Braga do CNE.

A nova equipa, eleita no dia 17 de setembro, vai tomar posse no dia 10 de outubro (terça-feira), às 21h30, na Capela Imaculada, no Seminário Menor de Braga.

Catarina Miranda foi reconduzida como Chefe Regional para mais um mandato de três anos, mas a Equipa teve uma renovação substancial e já iniciou um processo de auscultação dentro da região para projetar os próximos três anos.

## 8 – Pastoral Social

### *Voluntariado universitário*

O Centro Pastoral Universitário (CPU) recebeu em 25 de setembro a sessão de apresentação de todos os projetos de voluntariado local dinamizados pela Pastoral Universitária.

O voluntariado universitário é uma atividade da Pastoral Universitária de Braga destinada aos universitários que pretendem contribuir ativamente e de forma responsável para a solução dos problemas que afetam a sociedade, participando de forma solidária e fraterna em projetos de voluntariado onde o foco principal da ação é a relação com o próximo. São atendidas várias instituições de Braga e Guimarães e em cada uma delas tem um coordenador que acompanha os voluntários e com eles desenvolve o trabalho junto dos utentes.

A proposta é que os jovens que procurem sair da sua rotina académica e que vivam uma “experiência de entrega ao outro” durante este ano letivo, podendo escolher pelo menos um dos seguintes projetos:

**Projeto Mais Horizonte:** voluntariado centrado no acompanhamento de crianças e adolescentes provenientes de contextos socio-familiares mais fragilizados. Este voluntariado decorre em Braga no IMA, Colégio São Caetano e em Guimarães no Lar Sta. Estefânia.

**Projeto Mais Proximidade:** voluntariado que é desenvolvido em parceria com a PSP de Braga e que pretende responder às fragilidades enfrentadas pela população idosa do concelho de Braga. Supõe um acompanhamento personalizado entre um jovem e um idoso e tem por objetivo fomentar a relação entre gerações e o combate à solidão sénior.

**Projeto (Des)Construir:** voluntariado que promove ações de apoio e acompanhamento de idosas portadoras de doença mental que são utentes da Casa de Saúde do Bom Jesus, ao cuidado das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, e das idosas do Lar Residencial institucionalizados no Lar de Idosos e Lar Residencial do Instituto Monsenhor Airosa (IMA).

**Projeto Homem:** voluntariado que desenvolve ações de apoio e interação com jovens e adultos que se encontram no Centro de Solidariedade de Braga/Projeto, instituição que promove o tratamento e a reinserção de pessoas com comportamentos aditivos e dependências. Pretende-se promover valores como o respeito e a dignidade da pessoa humana.

**Cáritas:** voluntariado que é desenvolvido na Cáritas, nas valências da cantina e do roupeiro social, e tem por objetivo o apoio e acompanhamento de utentes que procuram a instituição devido a vulnerabilidades de ordem social e económica. Tem por objetivo desenvolver o sentido da solidariedade e da responsabilidade social dos jovens.

## *Notícias diversas*

**Tempo da Criação 2023.** O Grupo ‘Laudato Si’, da Comunidade de Santo António, em Barcelos, assinalou o início do ‘Tempo da Criação’ 2023 com um painel, colocado “em local bem visível”, em frente à igreja.

Fica exposto até à Festa de São Francisco de Assis, de modo a ajudar quem passa a refletir sobre o Dom da Criação e a necessidade de proteger todas as formas de vida.

As Igrejas e comunidades cristãs de todo o mundo estão a celebrar uma nova edição do ‘Tempo da Criação’, este ano com o tema ‘Que a Justiça e a Paz Fluam’, desde o dia 1 de setembro; Esta iniciativa que começou com uma celebração ecuménica vai terminar na festa de São Francisco de Assis, dia 4 de outubro.

O painel, uma iniciativa do Grupo ‘Laudato Si’, foi idealizado a partir dos relatos bíblicos da Criação (Gn 1 e Gn 2), por Mariana Lourenço, e concretizado por “muitos adolescentes e jovens” que ajudaram a pintar.

**A Santa Casa da Misericórdia de Barcelos** celebrou em 16 de setembro o 30.º aniversário da data e realização da primeira consulta e tratamentos de fisioterapia no seu Centro de Medicina e Reabilitação.

O programa, centrado na prevenção e tratamento da dor na coluna vertebral e na psicologia positiva, incluiu a realização de rastreios gratuitos em nutrição, glicemia e tensão arterial.

## 9 – Memória

# *Para a história da Ação Católica*

*Apontamentos de Silva Araújo*

A Ação Católica, órgão oficial da Arquidiocese de Braga, foi criada por Portaria de D. Manuel Vieira de Matos (1915-1932) assinada em 25 de dezembro de 1915[1].

O primeiro número da revista, classificada de Boletim Arquidiocesano, veio a público em janeiro de 1916.

Surgiu com o propósito de se publicar todos os meses, o que nem sempre aconteceu. Desde há vários anos que publica anualmente 12 números mas em agosto/setembro (antes, em julho/agosto) tem publicado um número duplo.

Cem anos volvidos, a Ação Católica é de consulta obrigatória (não única, é evidente) para quem desejar fazer a história da Igreja Bracarense e nela se encontram também os principais documentos do Episcopado Português (agora, Conferência Episcopal Portuguesa-CEP) e da Santa Sé.

Sobre o que deveria ser a revista referimos declarações dos arcebispos D. Manuel Vieira de Matos (1915-1932), D. António Bento Martins Júnior (1932-1963), D. Eurico Dias Nogueira (1977-1999).

## **União entre o Bispo e seus cooperadores**

Dirigida pelo P. Dr. Agostinho de Jesus e Sousa, o primeiro número, com 40 páginas, abre com uma fotografia de Bento XV e com um texto da Redação em que se manifesta «o propósito da mais completa e firme adesão aos ensinamentos da Santa Sé».

Na página 3 vem um texto de D. Manuel Vieira de Matos, datado de 25 de dezembro de 1915:

«No intuito de estreitarmos os laços da união que deve existir entre Nós e os Nossos dedicados cooperadores, visitamos nas sedes dos arceprebendados os reverendos Párocos e mais Clero, sendo em toda a parte alvo de provas da maior consideração e estima, que mais uma vez reconhecidamente agradecemos. Esta visita, porém, apesar de anual, não dispensa outro meio não menos eficaz – a existência duma publicação que mensalmente leve ao conhecimento do Clero as Nossas determinações e o movimento eclesiástico e religioso da arquidiocese; e assim promovemos a criação do presente boletim, com o título de «Ação Católica».

A natureza desta publicação e o seu merecimento literário e científico, pois que está confiada a sua redação a escritores de reconhecido nome, torná-la-ão recomendada de modo que os Nossos cooperadores considerem necessária a sua assinatura.

O remanescente do produto das assinaturas, depois de satisfeitas as despesas, reverterá em benefício dos Nossos seminários».

## **Órgão oficial da Arquidiocese**

D. António Bento Martins Júnior (1932-1963) publica, com data de 23 de janeiro de 1941, uma Nota em que determina que «a «Ação Católica» na sua secção denominada – Documentos Arquiepiscopais, -- ou noutra que a venha a substituir, deve continuar a ser considerada como órgão oficial da Arquidiocese, no sentido de que os documentos aí publicados sob a Nossa assinatura ou dos Nossos Vigário Geral ou Oficial hão de ser tidos como autênticos até prova evidente em contrário; e na secção – Atos da Santa Sé,

- ou noutra que a venha a substituir, deve ser considerada como órgão oficioso, no sentido de que é cuidadosamente examinado e traduzido ou revisto por pessoa de Nossa confiança tudo o que aí se publicar como sendo emanado da Santa Sé».

«Deve ser obrigatoriamente assinada e anualmente paga pela fábrica de cada uma das igrejas paroquiais do Arcebispado, e todos os seus números conservados e guardados no respetivo cartório paroquial.

A referida obrigação recai sobre todas as igrejas paroquiais, incluindo as anexas, e começa a contar-se desde o mês de janeiro de 1941 inclusive.

No fim de cada ano deverão ser encadernados os números do boletim que lhe correspondem».

D. António considera que «a Ação Católica tem prestado sem dúvida nenhuma relevantes serviços à causa da Igreja Bracarense, como boletim oficial da Arquidiocese e também na qualidade de revista de cultura para o clero».

Faz ainda referência às dificuldades financeiras que atravessa, o que acontece também, diz, com toda a imprensa europeia.

### **Boletim da família diocesana**

O ano de 1954 abre com um texto do mesmo D. António Bento Martins Júnior no qual a Ação Católica é qualificada de Boletim Arquidiocesano.

Anuncia a entrada em «nova fase da sua já longa existência» e redefine a sua função, escrevendo:

«Antiga é a aspiração de se lhe imprimir mais acentuada a característica específica de boletim da família diocesana, que viva, principalmente, para arquivar, e mesmo comentar, os documentos e atos oficiais, pontifícios e episcopais, e também os que, emanados da autoridade secular, tenham interferência na vida eclesiástica; para levar até às paróquias a orientação dos órgãos centrais do governo diocesano e as pôr ao corrente dos factos mais importantes da

sua Administração; para ajudar na compreensão e aplicação à vida prática dos princípios e preceitos teológicos, morais, canônicos, litúrgicos e pastorais; e finalmente para trazer os leitores ao corrente dos passos mais importantes da vida religiosa e social do mundo católico».

E acrescenta:

«Sem um órgão diocesano deste género, simples e preferentemente prático e familiar, mal se poderá manter viva a necessária união, de espírito e de ação ou disciplina externa, numa Diocese, que, não sendo a mais extensa nem a mais populosa do país, é contudo mui crente e praticante e não dispensa uma assídua e vigilante assistência e permanente contacto dos órgãos centrais do governo com os que o representam nas centenas de paróquias que a constituem».

«Mais alta missão do que esta, modesta mas prestimosa, que agora lhe assinamos, diz também D. António Bento Martins Júnior, cremos não precisar de assumir o Boletim, já que o papel de órgão de cultura especializada, que trate, em extensão e profundidade, os problemas das ciências sagradas, se propõe de futuro desempenhá-lo uma outra publicação, que o corpo docente dos Seminários diocesanos se prepara para editar»[2].

E recorda: «A Ação Católica continuará, portanto, a manter a qualidade de órgão diocesano, na sua secção oficial, como já era, e a ser assinada obrigatoriamente pelas fábricas e arquivada nos cartórios paroquiais».

### **Órgão do Magistério**

Em 1988 D. Eurico Dias Nogueira (1977-1999), além de sintetizar a história da revista, recorda as suas características e redefine as metas a atingir:

... «Mas é essencialmente como órgão do Magistério — Santa Sé, Conferência episcopal e sobretudo Prelados da Arquidiocese — que (a Ação Católica) sempre se tem afirmado. Divulga documentos

que fazem doutrina, oferece orientações pastorais e arquiva factos e acontecimentos que ficam para a História.

Está a atual equipa responsável pela sua continuação vivamente empenhada em valorizá-la cada vez mais.

Propõe-se, para tanto, concretizar os seus objetivos de sempre, distribuindo as suas páginas por diversas áreas:

1. Órgão oficial da Arquidiocese.
2. Veículo de ajuda e orientação pastoral.
3. Fator de unidade e comunhão eclesial.
4. Impulsionador da fraternidade e solidariedade presbiteral.

5. Arquivo de factos e acontecimentos para a história da Igreja, sobretudo na sua dimensão regional.

6. Abordagem de temas doutrinários, mormente em vista da prática litúrgica e evangelizadora.

Esforçar-se-á por manter periodicidade mensal, como tem sucedido quase sempre em mais de sete dezenas de anos de vida.

Além de obrigatoriamente fazer parte dos Arquivos das Paróquias e Seminários da Arquidiocese, muito se deseja que o mesmo suceda com as demais Instituições e Casas religiosas que integram a Igreja bracarense. E é naturalmente de esperar que todos os sacerdotes bracarense, onde quer que se encontrem, e os leigos mais conscientes das suas responsabilidades eclesiais e comprometidos em movimentos apostólicos, lhe ofereçam eficaz apoio e colaboração, não só para a valorizarem, mas sobretudo para melhor sintonizarem com a Igreja institucional, ‘Mãe e Mestra’ de quantos se honram com o nome de cristãos e católicos».

### **Informação eficaz e vasta**

Em janeiro do ano seguinte o mesmo Prelado escrevia, em jeito de balanço:

«Decorridos setenta e três anos, ‘Ação Católica’ experimenta a satisfação de ter sido fiel às diretrizes fundacionais, embora sabendo

adaptar-se à forçosa diversidade circunstancial, ao longo de quase um século de profundas transformações sociais.

No ano agora findo procurou renovar-se interior e exteriormente, mas sem jamais se afastar das linhas programáticas que a norteiam desde o nascimento.

Em seis breves alíneas indiquei então as áreas por que iriam distribuir-se os temas e assuntos a incluir nela. Procedi assim, evidentemente, com o prévio acordo da equipa responsável.

Decorridos doze meses, esta procederá de certo a um exame retrospectivo sobre o modo como se desempenhou da delicada tarefa assumida. A meu ver, pode considerar-se satisfeita, mesmo que a consciência lhe insinue que ainda há largo caminho a percorrer, antes de atingir a meta proposta, aliás sempre apta a deslocar-se para mais além!

Naturalmente merecer-lhe-á o melhor cuidado uma informação, eficaz e vasta quanto possível, sobre os problemas e acontecimentos da Igreja, quer na sua dimensão universal, quer sobretudo na expressão local ou diocesana. E, neste caso, tanto os relacionados com os órgãos centrais, ou da Arquidiocese enquanto tal, como os referidos às organizações e circunscções periféricas, entidades eclesiais nela integradas.

É de desejar a melhor colaboração e compreensão de quantos se sentem filhos da Igreja bracarense e com ela comprometidos, a começar naturalmente pelos membros do Presbitério e Institutos religiosos, continuando pelos cristãos empenhados em movimentos de piedade, apostolado e caridade. Este apoio traduzir-se-á de muitos e variados modos: escrevendo artigos e formulando críticas e sugestões, lendo a revista e aconselhando a sua leitura, assinando-a e guardando cuidadosamente na sua biblioteca particular, ou nos arquivos da instituição, os exemplares publicados.

A sua coleção ajudará a estudar e compreender melhor a porção do Povo de Deus, em que fomos inseridos pelo batismo e de que nos tornamos membros ativos por vontade própria, fortalecida pelo

dom da graça; e que todos solidariamente ajudaremos a identificar com a verdadeira Igreja que Jesus instituiu na Terra».

## Diretores

A Ação Católica teve como primeiro diretor o P. Dr. Agostinho de Jesus e Sousa, que veio a ser nomeado bispo coadjutor de Lamego[3]. Sucedeu-lhe, em março de 1922, Mons. Joaquim Domingues Mariz (1855-1931).

A partir de 1931 foi dirigida pelo Cónego António Gonçalves Pires, a quem se seguiu o P. Dr. Alexandrino Fernandes dos Santos (1908-1974)[4].

A direção deste sacerdote, em razão da sua débil saúde, foi passageira. O Cónego Molho de Faria diz ter sido nomeado em inícios de 1940. «Passados, porém, seis meses, lá nos aparece, mais uma vez, a dizer que não era capaz, porque estava a dar cabo dos seus nervos e da saúde ainda bastante periclitante»[5]. Acontece, porém que em todos os números do ano de 1940 aparece como diretor o Cónego Dr. A. Gonçalves Pires

O Cónego Dr. A. Gonçalves Molho de Faria (1904-1982) dirigiu a revista desde novembro de 1941 (na página 511 do ano 1942 diz que desde março de 1940)[6], até junho de 1981, altura em que se despediu.

Dirigiu-a, posteriormente, desde janeiro de 1982, o Cónego Dr. Manuel António de Paula.

Mons. Dr. Fernando Carvalho Rodrigues foi, a partir de janeiro de 1975, subdiretor, e subdiretor em exercício entre julho de 1981 e janeiro de 1982. Depois passou a diretor.

A partir de setembro-outubro de 1986 a equipa responsável pela revista era constituída pelo diretor, P. Fernando Carvalho Rodrigues; redator, P. João Luís dos Santos Matos; adjunto do redator, P. José Manuel de Oliveira Ribeiro; administrador, P. José Eduardo Gomes Lopes Lima.

O cargo de redator foi, depois, exercido pelo P. José Manuel Oliveira Ribeiro, a quem sucedeu, em 1990, o P. José Adílio Barbosa Macedo.

Mons. Domingos da Silva Araújo assumiu a direção da revista em julho de 1998, após o falecimento de Mons. Carvalho Rodrigues.

### **Administradores**

A revista começou por ser administrada pelo P. Manuel Pereira Júnior (1872-1944), que exerceu essa tarefa nos primeiros dezasseis anos de existência.

Sucedeu-lhe o P. Dr. António José Ribeiro (1905-1962), a partir de dezembro de 1931.

Em janeiro de 1962 deixa de ser mencionado o administrador e surge, em seu lugar, o Editor, Cónego António Luís Vaz.

Em janeiro de 1973 aparece como editor Mons. Dr. Fernando Carvalho Rodrigues, a quem sucederam o P. José Eduardo Lopes Lima (em 1986) e o P. Dr. António Oliveira Gomes (janeiro de 1992), que trabalhavam na Cúria Arquidiocesana.

Presentemente a administração é assumida pelos Serviços Centrais da Arquidiocese.

### **Propriedade**

A publicação começou por ser propriedade da Empresa da Ação Católica.

Desde janeiro de 1928 foi propriedade do Secretariado da Boa Imprensa. Dez anos depois, em julho de 1938, passou para propriedade da Empresa do Diário do Minho.

Nos meses seguintes aparece como diretor e proprietário Cónego A. Gonçalves Pires.

Em novembro de 1941 vem, de novo, como proprietária a Empresa Diário do Minho.

Presentemente é sua proprietária e editora a Arquidiocese de Braga.

## Conteúdo

Ao longo dos anos existiu sempre a preocupação de informar da Igreja Diocesana, da Igreja em Portugal, da Santa Sé.

Tempos houve em que tinha um leque muito diversificado de colaboradores, na generalidade professores do Seminário.

Além da documentação produzida foram abordados os temas mais diversos.

O conteúdo da revista distribuiu-se por várias secções: À janela do Vaticano. A voz dos bispos. A voz do Papa. Ação Católica. Apologética. Arqueologia e arte. Ascética e mística. Atos da Santa Sé. Código de Direito Canónico 1919. Comentários ao Código de Direito Canónico. Como podemos ser luz do mundo e sal da terra. Consultas. Crónica. Crónica arquidiocesana. Documentos Arquiepiscopais. Ensaios de toponímia. Estudos de Patrologia. Histórica. Jurídica. Homilias. Legislação e Jurisprudência Civil. Litúrgica. Livros novos e revistas. Música sacra. Oratória sagrada. Por terras de Portugal. Respiços históricos da Arquidiocese de Braga. Silhuetas (recorda sacerdotes que se notabilizaram). Teologia. Topónimos nortenhos. Vocações eclesíásticas

A partir de 1954 aparecem, sistematicamente, as secções: Atos da Santa Sé, Documentos Arquiepiscopais, Secretaria Arquiepiscopal, Cúria Arquiepiscopal, Consultas, Livros Novos e Revistas, Crónica Arquidiocesana, Na paz do Senhor (informação dos sacerdotes falecidos).

Em 1988 procedeu-se a uma reorganização da revista mas as mudanças, penso que introduzidas pelo P. José Manuel Oliveira Ribeiro, não foram além de dois anos.

Já antes, em 1964, a revista tinha aparecido com nova paginação.

Desde 1998 a distribuição de textos obedece ao seguinte esquema: 1. Tema do mês. 2. A igreja Diocesana: dos nossos pastores; serviços centrais; programa pastoral; clero e seminários; religiosos/as; património; educação da fé, apostolado dos leigos; pastoral social; memória. 3. Da Igreja em Portugal. 4. Da Santa Sé. 5. Recensões.

Com a atual direção passou a ter as secções que hoje mantém e a publicar, no fim do ano, um índice muito desenvolvido: temático, de nomes próprios, de topónimos, de recensões, geral.

Nos primeiros anos cada número da revista trazia, em papel especial, com certa qualidade, uma fotografia: do Papa, do Nuncio Apostólico, de um Bispo.

Presentemente publicam-se doze números por ano, mas em agosto/setembro sai um número duplo, o 8/9.

Em cada um dos meses regista-se o que de mais importante aconteceu no mês anterior, pelo que não se define um regular número de páginas para todos os meses.

Tempos houve em que tiveram grande desenvolvimento as secções de consultas e de livros novos.

Alguns dos textos publicados na revista foram depois reunidos em livro.

## *Cronologia do Padre Abílio Correia*

### **Ano de 1882**

09 de fevereiro, nascimento em Padim da Graça.

### **Ano de 1893**

Com 11 anos, entra no Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga.

### **Ano de 1904**

24 de setembro, ordenação sacerdotal.

**Ano de 1904 a 1907** – Auxiliar do pároco de Padim da Graça e capelão da Irmandade do Senhor dos Passos, de Cabreiros.

### **Ano de 1907**

21 de junho. Provisão a nomeá-lo pároco de S. Mamede de Este.

### **Ano de 1910**

29 de dezembro. Funda em S. Mamede o Centro da Agregação e Adoração do Santíssimo Sacramento.

### **Ano de 1914**

Funda a Associação Infantil e Juvenil «Pajens do Santíssimo Sacramento».

Funda a revista «Mensageiro Eucarístico», órgão da Agregação do Santíssimo Sacramento.

**Ano de 1916**

Funda a Associação da Visita Diária ao Santíssimo Sacramento.  
Funda a Associação da Adoração Noturna ao Santíssimo Sacramento.

**Ano de 1923**

28 a 31 de maio. I Congresso Eucarístico Arquidiocesano, em Braga.

**Ano de 1924**

02 a 07 de julho. I Congresso Eucarístico Nacional, em Braga.

**Ano de 1925**

02 a 05 de julho. Congresso Arquidiocesano na Póvoa de Varzim.

**Ano de 1926**

11 a 12 de junho. II Congresso Eucarístico Nacional, em Guimarães.

**Ano de 1929**

27 a 30 de junho. III Congresso Eucarístico Diocesano, em Viana do Castelo.

Ano de 1930-1938. Capelão do Hospital da Misericórdia de Braga.

**Ano de 1938**

15 de agosto. Retoma a paróquia de S. Mamede de Este.  
30 de outubro. Inauguração da nova residência paroquial e sua consagração ao Sagrado Coração de Jesus.

### **Ano de 1953**

23 de julho. Inauguração na capela mor da igreja paroquial de quatro grandes painéis em azulejo: Santo Cura de Ars, S. Pedro Julião Eymard e cópia dos Decretos de S. Pio X sobre a comunhão frequente (20 de dezembro de 1905) e sobre a comunhão precoce (8 de agosto de 1910).

### **Ano de 1957**

Inauguração do monumento ao Sagrado Coração de Jesus, no Monte Chamor.

Comemoração das Bodas de Oiro paroquiais.

III Congresso Nacional do Apostolado da Oração, no qual, por sugestão do P. Abílio, se estabeleceu o Lausperene Arquidiocesano.

### **Ano de 1967**

29 de junho. Falecimento, no Hospital de S. Marcos, com 85 anos de idade.

### **Ano de 1997**

07 a 10 de abril. Reunião da Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa que dá o parecer favorável a que se peça à Santa Sé o «nihil obstat» à organização do processo de canonização.

24 de setembro. D. Eurico Dias Nogueira assina o decreto de introdução da Causa de canonização e o decreto de constituição do Tribunal, composto por: P. José Fernandes de Carvalho Arieiro, juiz delegado; Cónego Manuel Fernando de Sousa e Silva, juiz delegado adjunto; Cónego Guilherme Frederico Malvar Fonseca, promotor da justiça; P. António de Oliveira Gomes, notário.

27 de setembro. Tomada de posse do Tribunal, em S. Mamede de Este.

Lista das primeiras testemunhas que o Tribunal iria ouvir: Mons. Osório de Figueiredo, Mons. Américo Ferreira Alves, P. Fernando Leite, P. Henrique Faria, P. David Antunes, P. Rodrigues (Ou Ro-

drigo?) Oliveira, P. António Ferreira Rodrigues, Alberto Sousa e Silva, João Rodrigues, João Rodrigues Pereira, José Rodrigues, José de Sousa Machado, Firmino Antunes, Maria Aurora Vieira, Rosa Cândida Rodrigues, Luísa Antunes, António Fernandes, Manuel Correia, Ermelinda Correia.

28 de setembro. Publicado o número zero do boletim «Apóstolo da Eucaristia», órgão da causa de canonização do P. Abílio Gomes Correia, dirigido pelo pároco de S. Mamede de Este, Cónego António da Costa Neiva.

### **Ano de 2013**

29 de abril. Tomada de posse de um segundo Tribunal para ouvir nova série de testemunhas. É constituído por Mons. Domingos da Silva Araújo, juiz delegado; P. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, promotor de justiça; D.<sup>a</sup> Teresa de Jesus Araújo Gonçalves, notária.

*(Apontamentos de Silva Araújo)*



3.

Da Igreja em Portugal



# *Comunicado da CEP*

*Comunicado do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa:*

1. O Conselho começou por saudar a presença de D. Rui Valério, Patriarca de Lisboa, como novo membro do Conselho Permanente, e agradeceu a dedicada e competente participação de D. Manuel Clemente no Conselho, bem como em toda a atividade da CEP.

O Conselho saudou ainda a nomeação de D. Américo Aguiar como Cardeal e agradeceu o papel dinâmico que teve na coordenação da Fundação JMJ Lisboa 2023 e em toda a organização deste evento que certamente marca a Igreja e Portugal.

2. Dos vários agradecimentos pela excelente realização da Jornada Mundial da Juventude em Portugal, o Conselho acolheu com gratidão a carta que o Papa Francisco dirigiu ao Presidente da CEP:

“Venho por este meio renovar o meu agradecimento por todo o trabalho que tiveram para preparar e conduzir a bom porto a 37.<sup>a</sup> Jornada Mundial da Juventude, congratulando-me pela primorosa organização demonstrada em todos e cada um dos atos de que a mesma se compôs. Gostei de tudo o que vi e ouvi, feliz nomeadamente com tantos belos exemplos que encontrei de dedicação

pastoral às pessoas. D. José, por favor, quando tiver oportunidade dê parte – aos membros da Conferência Episcopal Portuguesa e aos colaboradores e sacerdotes, consagrados, consagradas e fiéis-leigos mais diretamente envolvidos – da minha gratidão que se faz oração a Nossa Senhora para que a todos ouça nas suas súplicas e com o seu manto os proteja. Reconhecido pelo carinhoso acolhimento que me reservaram, asseguro a minha oração pela Igreja de Portugal para que continue, com perseverança e coragem, a anunciar a todos a Boa Nova de Jesus Cristo vivo entre nós”.

3. Para fazer o ponto da situação sobre as atividades do Grupo VITA (Grupo de Acompanhamento das situações de violência sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal), de 22 de maio a 10 de setembro, estiveram no Conselho a Dr.<sup>a</sup> Rute Agulhas e a Dr.<sup>a</sup> Alexandra Anciães.

4. O Conselho começou a preparar a agenda da próxima Assembleia Plenária, que vai decorrer em Fátima de 13 a 16 de novembro, que terá como temas principais a avaliação e o seguimento da JMJ Lisboa 2023, bem como o processo sinodal em curso na Igreja. A agenda definitiva será divulgada após a reunião do Conselho em outubro.

5. O Conselho aprovou as seguintes nomeações para o triénio 2023-2026: Padre Daniel João de Brito Nascimento (Diocese de Setúbal) como Assistente Nacional do CNE (Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português); Nuno Sobral Camelo (Arquidiocese de Évora) como Diretor do Departamento Nacional da Pastoral Juvenil; Padre Filipe José Miranda Diniz (Diocese de Coimbra) como Assistente do Departamento Nacional da Pastoral Juvenil; D. José Francisco Sanches Alves, Arcebispo emérito de Évora, como Assistente Eclesiástico da CNAL (Conferência Nacional de Associações de Apostolado dos Leigos).

O Conselho homologou ainda a constituição da Equipa Nacional da Comunidade Cristã de Portugal (CVX-P).

6. A próxima reunião do Conselho será a 10 de outubro por zoom, dado que o Presidente e o Vice-Presidente da CEP se encontrarão em Roma a participar na XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos.

*Fátima, 12 de setembro de 2023.*

## *Novo bispo de Setúbal*

*O Papa Francisco nomeou em 21 de setembro Dom Américo Manuel Alves Aguiar, até agora auxiliar de Lisboa, como novo bispo de Setúbal, diocese que se encontrava em sede vacante desde março de 2022, após a saída de D. José Ornelas para Leiria-Fátima.*

Na primeira saudação à diocese sadina, D. Américo Aguiar dirige-se a todos os membros da comunidade católica e da sociedade local, assumindo a “honra” por assumir esta missão, evocando a figura do primeiro bispo de Setúbal, D. Manuel Martins, falecido em 2017, “que se fez grande ao lado dos mais pequenos, dos mais pobres, dos mais esquecidos”.

Natural da Diocese do Porto, D. Américo Aguiar nasceu a 12 de dezembro de 1973 e foi ordenado sacerdote em 2001. Desde 2016 é presidente das empresas do Grupo Renascença Multimédia, tendo sido nomeado bispo auxiliar de Lisboa pelo Papa Francisco a 01 de março de 2019. Foi ordenado bispo no Porto a 31 de março de 2019, numa cerimónia que decorreu na Igreja da

Trindade, sob a presidência do então cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.

Tem como lema episcopal as últimas palavras de Jesus na cruz, ‘In manus tuas’ (Nas tuas mãos), em homenagem a D. António Francisco, falecido bispo do Porto, que o adotou também.

Em 2014 publicou o livro ‘Um padre na aldeia global – Evangelização e o Desafio das Novas Tecnologias’, resultado de uma investigação para o curso de Mestrado em Ciências da Comunicação.

A Diocese de Setúbal foi criada a 16 de julho de 1975 pela bula ‘Studentes Nos’ do Papa Paulo VI.

A 26 de outubro do mesmo ano, na Sé Catedral de Santa Maria da Graça, foi ordenado o seu primeiro bispo, D. Manuel Martins, a quem sucedeu D. Gilberto Canavarro dos Reis, em 1998; em outubro de 2015 foi ordenado e tomou posse o terceiro bispo da diocese, D. José Ornelas Carvalho.

A Diocese é constituída por 57 paróquias ou comunidades equiparadas (“quasi-paróquias”), agrupadas em 7 vigararias: Almada, Barreiro-Moita, Caparica, Montijo, Palmela-Sesimbra, Seixal e Setúbal, abrangendo uma superfície de aproximadamente 1500 km<sup>2</sup>.

## *Cardeal Dom Américo Aguiar*

*O Papa Francisco entregou em 30 de setembro o anel e o barrete cardinalícios a D. Américo Aguiar, numa cerimónia que decorreu na Praça de São Pedro.*

Dom Américo Aguiar foi criado cardeal-presbítero, recebendo o título de Santo António de Pádua na Via Merulana (Sancti Antonii Patavini de Urbe), em Roma, igreja de que foram titulares, entre

1973 e 1998, o cardeal-patriarca de Lisboa, Dom António Ribeiro, e de 2001 a 2022 o cardeal brasileiro Dom Claudio Hummes.

Tornou-se o sétimo cardeal português do século XXI e quarto a ser criado no atual pontificado.

Junta-se a Dom José Saraiva Martins, Dom Manuel Monteiro de Castro, Dom Manuel Clemente, Dom António Marto e Dom José Tolentino Mendonça no Colégio Cardinalício D. José Policarpo, falecido em 2014, foi criado cardeal em 2011.

A nomeação cardinalícia de Dom Américo foi anunciada a 09 de julho.

## *Uma casa para cada família*

*Nota das comissões Justiça e Paz sobre a crise do acesso à habitação.*

«Já o disse e repito-o: uma casa para cada família. Nunca se deve esquecer que Jesus nasceu num estábulo porque não havia lugar nas estalagens, que a sua família teve que abandonar a própria casa e fugir para o Egipto, perseguida por Herodes. Hoje há tantas famílias sem casa, porque nunca a tiveram ou porque a perderam por diversos motivos. Família e casa caminham juntas! Mas um teto, para que seja um lar, deve ter também uma dimensão comunitária: o bairro, e é precisamente no bairro que se começa a construir esta grande família da humanidade, a partir daquilo que é mais imediato, da convivência com a vizinhança»

*(Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro de movimentos populares, 28 de outubro de 2014).*

As comissões Justiça e Paz abaixo elencadas, cientes da gravidade da situação atual do nosso país no que ao acesso à habitação diz

respeito, querem dar um seu contributo para o diálogo, reflexão e ação em torno desta questão. Não pretendem indicar soluções concretas para um problema cuja complexidade não ignoram, mas alertar para a necessidade de uma visão completa do mesmo e salientar princípios que entendem dever servir de guia na busca dessas soluções.

Entendem, pois, que a questão da habitação não pode ser vista de forma isolada, nem de forma homogênea. Com essa perspetiva, parece-nos ser necessário estabelecer uma relação que seja frutuosa entre habitação (a casa, o alojamento), habitat (o bairro, o lugar) e o “habitar” (o mundo humano e planetário), levando em conta a diversidade de situações e de grupos sociais envolvidos.

Entendemos também que o acesso a habitação deve ser analisado segundo três dimensões: o acesso a habitação em sentido restrito; o acesso a uma habitação condigna e o acesso a uma habitação adequada.

Quanto à negação do acesso à habitação, há que salientar três situações hoje existentes na sociedade portuguesa de gravidade crescente: a das pessoas sem abrigo que vivem na rua (sem teto); a das pessoas sem abrigo em alojamento temporário (sem casa) e das pessoas em alojamento temporário partilhado, em alguns casos em condições desumanas de sobrelotação (sobretudo imigrantes, mas também estudantes e outras). A estas três situações, juntam-se outras duas, relacionadas com o risco ou com a concretização de interrupção do acesso à habitação atual: a dependência financeira grave (juros elevados de empréstimos bancários, taxas de esforço não suportáveis pelas famílias) e a “expulsão” direta (despejos; não renovação de contratos de arrendamento) ou indireta (aumento não suportável do valor das rendas) do local de residência atual.

Quanto à negação do acesso a uma habitação digna, há que salientar: a ausência de infraestruturas básicas (saneamento), o mau ou péssimo estado de conservação física dos edifícios e a baixa qualidade da construção (pobreza energética, baixos níveis de conforto térmico).

Quanto à negação do acesso a uma habitação adequada, há que salientar: a desadequação entre dimensão do agregado e dimensão da casa (situações de superlotação); a desadequação entre as necessidades e/ou capacidades de idosos (sobretudo a viver sozinhos) e, em geral, de pessoas com necessidades sensoriais, físicas, intelectuais, emocionais ou sociais particulares e as características da habitação (rampas, degraus, tipo de piso, altura dos interruptores, etc.); e a desadequação entre a dimensão e organização da casa e o desempenho de uma maior diversidade de funções (por exemplo, o trabalho à distância a partir de casa).

No que diz respeito ao habitat (o bairro, o lugar), há que partir da noção de que existe um continuum físico e vivencial entre a casa/apartamento, as partes comuns dos edifícios, os espaços públicos imediatamente envolventes (espaços de circulação, verdes, etc.) e os espaços de proximidade (jardins, comércio e serviços, equipamentos, transportes públicos). O habitat (o bairro, o lugar) inclui dimensões urbanísticas, mas também de mobilidade, de acesso a bens e serviços básicos, de qualidade ambiental e de sociabilidade/inclusão social. O acesso ao lugar é, em parte, uma questão de planeamento urbano (urbanismo de proximidade / de base comunitária). Assiste-se a uma separação cada vez maior (distância-tempo) entre o local de residência e o local de trabalho/estudo, o que promove uma crescente dissociação entre habitação e lugar, com a consequente perda de espírito e sentimento de pertença ao lugar e o desenraizamento em relação à comunidade local. O direito ao lugar (por exemplo, como critério urbanístico, de realojamento, etc.) tem um reconhecimento social e político insuficiente.

No que diz respeito ao “habitar” (o mundo), é imperioso encarar este conceito, numa perspetiva de articulação com os dois anteriores: a habitação como espaço familiar, o habitat como espaço comunitário e o “habitar” como exercício vital da família humana que corresponde a uma vida humana plena e digna, ao desenvolvimento humano integral.

Partindo deste diagnóstico e desta visão tão ampla e abrangente da questão, recordamos brevemente alguns princípios da doutrina social da Igreja que podem guiar-nos na busca de respostas à crise do acesso à habitação, que atinge hoje entre nós uma inédita gravidade.

O direito à habitação é um direito fundamental da pessoa e da família. «Família e casa caminham juntas» - afirma o Papa Francisco. Sem acesso à habitação está comprometida a integral realização da pessoa e não será possível a formação de jovens famílias que enfrentem o também grave problema da queda da natalidade.

Há que respeitar o direito de propriedade privada sem esquecer a função social desta. Tal significa que o respeito do direito de propriedade privada deve facilitar a concretização do direito à habitação do seu titular e sua família, mas facilitar também (e não impedir ou limitar) o exercício do direito à habitação de outras pessoas. Isso ocorrerá através do arrendamento a preços justos e não especulativos.

Na legislação e nas opções políticas, há que ter presentes os princípios da solidariedade e da subsidiariedade. Tal significa que não pode esperar-se da autonomia do mercado a completa solução do problema, mas o mesmo deverá dizer-se da intervenção do Estado. Impõe-se essa intervenção para suprir as imperfeições do mercado, que hoje se revelam notórias, sem a pretensão de o substituir. Há que apoiar de várias formas iniciativas neste campo do setor social e cooperativo.

A busca de respostas concretas envolve questões técnicas que, na sua complexidade, nos ultrapassam. O que queremos nesta nota salienta é, acima de tudo, a necessidade de, face à extrema gravidade do problema, encontrar tais respostas de modo prioritário e urgente, apoiadas no diálogo, na concertação e no estabelecimento de compromissos claros e duradouros. Como sempre, manifestamos a nossa disponibilidade para dar o nosso contributo nesse sentido.

*Lisboa, 26 de outubro de 2023.*

- A Comissão Nacional Justiça e Paz*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz do Algarve*
- A Comissão Arquidiocesana Justiça e Paz de Braga*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Bragança-Miranda*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Coimbra*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Lamego*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Leiria-Fátima*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Portalegre-Castelo Branco*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Santarém*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Viana do Castelo*
- A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Vila Real*

# *O Pacto Educativo Global com Deus em prol da humanidade*

*Nota Pastoral para a Semana Nacional da Educação Cristã, 1 a 8 de outubro de 2023.*

A Educação compromete-nos com o acolhimento e inclusão do outro, na sua alteridade, no respeito pela sua singularidade, permitindo que brote do interior de cada pessoa a imagem do Criador.

Em consonância com o apelo e o movimento do Papa Francisco em prol de um Pacto Educativo Global (2020), reiterado e rejuvenescido na JMJ em Lisboa, é fundamental reavivar o entusiasmo com as gerações jovens, renovando o compromisso com uma Educação aberta e inclusiva, feita de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão, capaz de incidir no coração duma sociedade e fazer nascer a cultura do encontro, do projetar e caminhar juntos.

## **1. Educar é amar e apontar caminhos**

Educar é amar e apontar caminhos num pacto com as gerações jovens, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira na formação de pessoas maduras, aptas a superar visões imediatistas e utilitaristas para se comprometerem com o bem comum.

É preciso dialogar sobre o modo como estamos a construir o futuro do planeta e sobre a necessidade de potenciar os talentos de todos para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e projetar o que nos é comum.

Esta é uma tarefa que não diz respeito apenas a nós cristãos, mas a todos. Cada pessoa é chamada a ser protagonista desta aliança.

Fará parte destes compromissos a assunção da centralidade da Pessoa e da sua dignidade num processo educativo que visa a maturidade integral e que atenta: à escuta das expectativas, receios e angústias, das esperanças e das propostas dos jovens e à garantia da sua plena participação na ação educativa; ao trabalho educativo sinérgico contra a pobreza e as desigualdades, centrado no exercício de uma cidadania ativa e dinâmica; à compreensão da economia, da política e do desenvolvimento, à luz da perspectiva da ecologia integral, no pressuposto de que o ser humano é intrinsecamente aberto ao mundo, aos outros e a Deus.

## 2. A Educação é uma semente de esperança

Educar é sempre um ato de esperança. A globalização da indiferença, da violência, do discurso de ódio contra migrantes e outros marginalizados coloca grandes desafios à Educação e aos educadores.

Cabe-nos, portanto, contribuir para que cada ato educativo seja gerador de fraternidade, de paz, de justiça e de cuidado do outro e da “casa comum”.

O cuidado é um mandato do Criador e deve estar vinculado ao direito universal, cuidado este que requer uma visão política, económica e cultural, com foco na proteção da Pessoa e do mundo que habita.

Face às disparidades de uma sociedade global, a Educação deve ajudar-nos a viver o valor do respeito e ensinar “...o amor capaz de aceitar todas as diferenças, a prioridade da dignidade de cada ser humano em relação a qualquer uma das suas ideias, sentimentos, práticas...” (Fratelli Tutti, 191), um amor que não fica indiferente a nenhum modo de violência e de abuso nem a nenhuma forma de escravidão.

Também o mundo virtual, que, por um lado, permite o acesso rápido a cada recanto do planeta, e tende, por outro, a contribuir para a “globalização da indiferença”, exige discernimento, atitude crítica, sempre com a consciência de que qualquer instrumento é

meio e não fim, podendo servir intenções e ideologias que cabe discernir, atenta e lucidamente.

Educar para a aprendizagem dos meios e a centralização no fim, que é a Pessoa, é desafio a atender, neste Pacto Educativo Global.

### 3. Sem horizonte não há meta

A Educação responsabiliza as pessoas e transforma o mundo. Um dos maiores desafios da Educação, na perspectiva cristã, está em descentrar o ser humano de si mesmo, encerrado numa autosuficiência que isola dos outros e do mundo, para o encaminhar na descoberta do Totalmente Outro. É a tentação de sempre e é o desafio nunca acabado de ‘transcender-se’. É, afinal, a grande meta da Educação: apontar para horizontes abertos, que alonguem o olhar e o caminhar, horizontes que a perspectiva cristã assegura serem expressão, no tempo da História, do Horizonte último para onde se encaminha a Humanidade.

Requer-se, portanto, uma nova Educação que promova a transcendência da Pessoa Humana, o desenvolvimento humano integral e sustentável, o diálogo intercultural e religioso, a salvaguarda do planeta, não já num registo de medos ou inevitabilidades, mas numa lógica de reconhecimento do mundo como dom, num dinamismo que promove o acolhimento e o cuidado pelo outro, encontros pela paz e a serena abertura a Deus.

Perguntar e escutar as inquietações que habitam o secreto lugar do coração é tarefa primeira da Educação. E, com o palpitar das interrogações, fãr-se-á o caminho da busca das grandes respostas.

Para os crentes, trata-se de despertar nas crianças, adolescentes e jovens, nos tempos certos, o desejo de entrar na própria interioridade para conhecer e amar Deus. Para os não crentes, trata-se de animar uma inquietude estimulante sobre o sentido das coisas e da

própria existência, o sagrado altar a um Deus desconhecido, cuja descoberta do nome deve esperar contributo da Educação Cristã.

#### 4. Empreendedores de sonhos

Educar não é, por tudo isto, lugar de mera transmissão de conceitos, mas uma tarefa que exige que todos os seus responsáveis – a começar pela família – nela participem de modo solidário e completo.

Todos precisamos ter no coração o bem das pessoas que educamos, em particular das nossas crianças, adolescentes e jovens.

Todos os educadores, sejam pais, professores, formadores, párocos, catequistas... têm de estreitar entre si uma aliança que valorize a unicidade de cada um, graças a um compromisso contínuo na educação e na formação em todas as dimensões da Pessoa. Este é o desafio maior de um Pacto Educativo Global para o qual todos estamos convidados.

Afinal, todos fazemos parte dessa ‘aldeia’ reunida na educação de cada criança e jovem, não para que nela permaneçam, mas para que dela partam livres, responsáveis e comprometidos com o bem da humanidade e da casa comum, sem medos, e como “empreendedores de sonhos”, como nos disse o Papa Francisco em Lisboa.

Subamos, juntos, “apressadamente”, à Barca da Educação!

Bom ano pastoral e letivo para cada um e para todos.

*Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé  
Dia de S. Mateus, Lisboa, 21 de setembro de 2023.*



4.

Da Santa Sé



# *Viagem Apostólica à Mongólia*

*Catequese do Papa Francisco na Audiência Geral  
de 06 de setembro de 2023.*

Na segunda-feira regressei da Mongólia. Gostaria de manifestar gratidão a quantos acompanharam a minha visita com a oração, e de renovar o meu agradecimento às Autoridades que me receberam solenemente: em particular ao Presidente Khürelsükh e também ao ex-Presidente Enkhbayar, que me tinha feito o convite oficial para visitar o país.

Volto a pensar com alegria na Igreja local e no povo mongol: um povo nobre e sábio, que me demonstrou muita cordialidade e afeto. Hoje gostaria de vos levar ao coração desta viagem.

Poder-se-ia perguntar: por que o Papa vai tão longe para visitar um pequeno rebanho de fiéis?

Porque é precisamente ali, distante dos holofotes, que muitas vezes se encontram os sinais da presença de Deus, que não olha para as aparências, mas para o coração, como ouvimos no trecho do profeta Samuel (cf. 1 Sm 16, 7).

O Senhor não procura o centro do palco, mas o coração simples de quem o deseja e o ama sem aparecer, sem querer sobressair em relação dos outros. E tive a graça de encontrar na Mongólia uma

Igreja humilde mas feliz, que está no coração de Deus, e posso dar-vos o testemunho da sua alegria por se encontrar durante alguns dias também no centro da Igreja.

Aquela comunidade tem uma história comovedora. Nasceu, pela graça de Deus, do zelo apostólico - sobre o qual refletimos neste período - de alguns missionários que, apaixonados pelo Evangelho, há cerca de trinta anos partiram para aquele país que não conheciam. Aprenderam a sua língua - que não é fácil - e, embora viessem de diferentes nações, deram vida a uma comunidade unida e verdadeiramente católica.

Com efeito, este é o sentido da palavra “católico”, que significa “universal”. Contudo, não se trata de uma universalidade que homologa, mas de uma universalidade que se incultura, uma universalidade que se incultura. Eis no que consiste a catolicidade: uma universalidade encarnada, “inculturada”, que capta o bem onde vive e serve o povo com quem vive.

É assim que a Igreja vive: dando testemunho do amor de Jesus com mansidão, com a vida antes do que com as palavras, feliz com as suas verdadeiras riquezas: o serviço ao Senhor e aos irmãos!

Foi assim que nasceu aquela jovem Igreja: no sulco da caridade, que é o melhor testemunho da fé.

Na conclusão da minha visita, tive a alegria de benzer e inaugurar a “Casa da misericórdia”, primeira obra de caridade criada na Mongólia como expressão de todos os membros da Igreja local. Uma casa que é o cartão de visita daqueles cristãos, mas que também chama cada uma das nossas comunidades a ser casa da misericórdia: isto é, lugar aberto, lugar hospitaleiro, onde as misérias de cada um possam entrar sem vergonha em contacto com a misericórdia de Deus que levanta e cura.

Eis o testemunho da Igreja na Mongólia, com missionários de vários países que se sentem um só com o povo, felizes por o servir e descobrir as belezas que ele já tem.

Pois estes missionários não foram para lá fazer proselitismo, isso não é evangélico, foram para lá a fim de viver como o povo mongol, para falar a sua língua, o idioma daquele povo, para assimilar os valores daquele povo e pregar o Evangelho em estilo mongol, com palavras mongóis.

Partiram e “inculturaram-se”: assimilaram a cultura mongol para anunciar o Evangelho naquela cultura.

Pude descobrir um pouco desta beleza, conhecendo inclusive algumas pessoas, ouvindo as suas histórias, apreciando a sua busca religiosa. Neste sentido, estou grato pelo encontro inter-religioso e ecuménico no domingo passado.

A Mongólia tem uma grande tradição budista, com muitas pessoas que, em silêncio, vivem a sua religiosidade de maneira sincera e radical, através do altruísmo e da luta contra as próprias paixões.

Pensemos em quantas sementes de bem, no escondimento, fazem germinar o jardim do mundo, enquanto normalmente só ouvimos falar do barulho das árvores que caem!

E o povo, até nós, gosta do escândalo: “Mas olha que barbaridade, caiu uma árvore, o barulho que fez!” – “Mas não vê a floresta que cresce todos os dias?”, pois o crescimento é silencioso.

É decisivo saber vislumbrar e discernir o bem. Ao contrário, muitas vezes só apreciamos os outros na medida em que eles correspondem às nossas ideias, mas devemos ver aquele bem.

E por isso é importante, como faz o povo mongol, dirigir o olhar para o alto, para a luz do bem. É só deste modo, a partir do reconhecimento do bem, que se constrói o porvir comum; somente valorizando o outro o ajudamos a melhorar.

Estive no coração da Ásia e foi bom para mim. Faz bem entrar em diálogo com aquele grande continente, captar as suas mensagens, conhecer a sua sabedoria, o seu modo de ver a realidade, de abraçar o tempo e o espaço.

Fez-me bem encontrar o povo mongol, que preserva as raízes e tradições, respeita os idosos e vive em harmonia com o meio ambiente: é um povo que perscruta o céu e sente o sopro da criação.

Pensando nas extensões ilimitadas e silenciosas da Mongólia, deixemo-nos estimular pela necessidade de ampliar os confins do nosso olhar, por favor: alargar os confins, olhar ao largo e para o alto, olhar e não se deixar aprisionar pela pequenez, ampliar os limites do nosso olhar, para que veja o bem que existe nos outros e seja capaz de dilatar os próprios horizontes e também alargar o próprio coração para compreender, para estar próximo de cada pessoa e de cada civilização.

## *Daniel Comboni*

*Catequese do Papa Francisco na Audiência Geral de 20 de setembro de 2023: São Daniel Comboni, apóstolo de África e profeta da missão.*

No caminho de catequeses sobre a paixão evangelizadora, ou seja, o zelo apostólico, meditemos hoje sobre o testemunho de São Daniel Comboni. Ele foi um apóstolo cheio de zelo pela África.

Sobre aqueles povos, escreveu: «Apoderaram-se do meu coração, que só vive para eles» (Escritos, 941), «morrerei com a África nos meus lábios» (Escritos, 1441).

É bonito... E a eles dirigia-se assim: «O mais feliz dos meus dias será quando eu puder dar a vida por vós» (Escritos, 3159).

Trata-se da expressão de uma pessoa apaixonada por Deus e pelos irmãos que servia em missão, a propósito dos quais não se cansava de recordar que «Jesus Cristo sofreu e morreu também por eles» (Escritos, 2499; 4801).

Afirmava-o num contexto caracterizado pelo horror da escravatura, de que foi testemunha.

A escravatura “coisifica” o homem, cujo valor se reduz a ser útil a alguém ou a algo. Mas Jesus, Deus que se fez homem, elevou a dignidade de cada ser humano, desmascarando a falsidade de qualquer escravatura.

À luz de Cristo, Comboni adquiriu consciência do mal da escravatura; além disso, compreendeu que a escravatura social se arraiga numa escravatura mais profunda, a do coração, do pecado, da qual o Senhor nos liberta. Portanto, como cristãos, somos chamados a lutar contra todas as formas de escravatura.

Mas infelizmente a escravatura, assim como o colonialismo, não é uma recordação do passado, infelizmente! Na África tão amada por Comboni, hoje dilacerada por numerosos conflitos, «depois daquele político, desencadeou-se (...) um “colonialismo económico”, igualmente escravizante (...). É um drama perante o qual o mundo economicamente mais avançado muitas vezes fecha os olhos, os ouvidos e a boca».

Por isso, renovo o meu apelo: «Deixai de sufocar a África: ela não é uma mina a explorar, nem um solo a saquear» (Encontro com as Autoridades, Kinshasa, 31 de janeiro de 2023).

Voltemos à vicissitude de São Daniel.

Depois de ter passado um primeiro período na África, teve que abandonar a missão por motivos de saúde.

Demasiados missionários tinham morrido por ter contraído doenças, devido ao escasso conhecimento da realidade local. Mas se outros abandonavam a África, Comboni não. Após um período de discernimento, sentiu que o Senhor lhe inspirava um novo caminho de evangelização, que ele resumiu com as seguintes palavras: «Salvar a África com a África» (Escritos, 2741 s.).

Trata-se de uma intuição poderosa, não há colonialismo algum nisto: é uma intuição poderosa que contribuiu para renovar o

compromisso missionário: as pessoas evangelizadas não eram apenas “objetos”, mas “sujeitos” da missão. E São Daniel Comboni desejava tornar todos os cristãos protagonistas da ação evangelizadora.

E com este espírito, pensou e agiu de modo integral, envolvendo o clero local e promovendo o serviço laical dos catequistas. Os catequistas são um tesouro da Igreja: os catequistas são aqueles que vão em frente na evangelização. Assim concebia também o desenvolvimento humano, interessando-se pelas artes e profissões, favorecendo o papel da família e da mulher na transformação da cultura e da sociedade.

E como é importante, ainda hoje, fazer progredir a fé e o desenvolvimento humano a partir do interior dos contextos de missão, em vez de neles transplantar modelos externos, ou limitar-se a um assistencialismo estéril!

Nem modelos externos, nem assistencialismo. Haurir da cultura dos povos o caminho para fazer a evangelização. Evangelizar a cultura e inculturar o Evangelho: caminham juntos!

No entanto, a grande paixão missionária de Comboni não foi principalmente fruto do esforço humano: ele não era impelido pela sua coragem, nem motivado apenas por valores importantes, como a liberdade, a justiça e a paz; o seu zelo nascia da alegria do Evangelho, alimentava-se do amor de Cristo e levava ao amor a Cristo!

São Daniel escreveu: «Uma missão tão árdua e laboriosa como a nossa não pode viver de aparências, de sujeitos de pescoço torto, cheios de egoísmo e de si próprios, que não se preocupam, como deviam, com a saúde e a conversão das almas».

Este é o drama do clericalismo, que leva os cristãos, até os leigos, a clericalizar-se e a transformá-los - como se diz aqui - em sujeitos de pescoço torto, cheios de egoísmo. Esta é a chaga do clericalismo.

E acrescentava: «É preciso fazê-los arder de caridade, com a sua fonte em Deus e no amor de Cristo; e quando se ama verdadei-

ramente a Cristo, então as privações, os padecimentos e o martírio são docilidades» (Escritos, 6656).

O seu desejo era ver missionários fervorosos, alegres, comprometidos: missionários - escrevia - «santos e capazes. [...] Primeiro: santos, isto é, alheios ao pecado e humildes. Mas não basta: é necessária a caridade para tornar os sujeitos capazes» (Escritos, 6655).

Portanto, para Comboni a fonte da capacidade missionária é a caridade, em particular o zelo de fazer seus os sofrimentos dos outros.

De resto, a sua paixão evangelizadora nunca o levou a agir como solista, mas sempre em comunhão, na Igreja. «Só tenho a vida para consagrar à saúde daquelas almas», escreveu, «gostaria de ter mil para as consumir com este objetivo» (Escritos, 2271).

Irmãos e irmãs, São Daniel dá testemunho do amor do bom Pastor, que vai em busca de quem se perdeu e dá a vida pelo rebanho. O seu zelo foi enérgico e profético, opondo-se à indiferença e à exclusão. Nas cartas recordava com entusiasmo a sua amada Igreja, que durante demasiado tempo tinha esquecido a África. O sonho de Comboni é uma Igreja que faça causa comum com os crucificados da história, para experimentar com eles a ressurreição.

Neste momento, dou-vos uma sugestão. Pensai nos crucificados da história de hoje: homens, mulheres, crianças, idosos que são crucificados por histórias de injustiça e de domínio. Pensemos neles e oremos! O seu testemunho parece reiterar a todos nós, homens e mulheres de Igreja: “Não esqueçais os pobres, amai-os, pois neles está presente Jesus crucificado, à espera de ressuscitar”.

Não vos esqueçais dos pobres: antes de vir aqui, tive um encontro com legisladores brasileiros que trabalham a favor dos pobres, que procuram promover os pobres com a assistência e a justiça social. E eles não se esquecem dos pobres: trabalham pelos pobres.

Digo-vos: não vos esqueçais dos pobres, pois são eles que vos abrirão a porta do Céu.

## *Construir um mosaico de paz*

*Palavras do Santo Padre em Marselha, em 22 de setembro de 2023, num momento de recolhimento com os líderes religiosos junto ao memorial dedicado aos marinheiros e migrantes desaparecidos no mar:*

Diante de nós, temos o mar, fonte de vida; mas este lugar evoca a tragédia dos naufrágios, que provocam a morte. Estamos reunidos em memória daqueles que não sobreviveram, que não foram salvos.

Não nos habituemos a considerar os naufrágios como meras notícias de jornal, nem os mortos no mar como números: são nomes e apelidos, são rostos e histórias, são vidas despedaçadas e sonhos desfeitos.

Penso em muitos irmãos e irmãs afogados no medo, juntamente com as esperanças que traziam no coração.

Perante um drama assim não servem palavras, mas factos; e, antes ainda, serve humanidade, serve silêncio, pranto, compaixão e oração.

Convido-vos agora a um momento de silêncio em memória destes nossos irmãos e irmãs: deixemo-nos tocar pelas suas tragédias [momento de silêncio].

Demasiadas pessoas, fugindo de conflitos, pobreza e calamidades ambientais, encontram entre as ondas do Mediterrâneo a definitiva recusa à sua busca dum futuro melhor. E, assim, este mar esplêndido tornou-se um enorme cemitério, onde muitos irmãos e irmãs são privados até do direito de ter um túmulo, acabando sepultada apenas a dignidade humana.

No livro-testemunho Fratellino, o protagonista, no final da tribulada viagem que o traz da República da Guiné até à Europa, afirma: «Quando te sentas sobre o mar, estás numa encruzilhada. Dum lado a vida, do outro a morte. Lá não há outras saídas» (A. Arzallus Antia – I. Balde, Fratellino, Milão 2021, 107).

Amigos, também diante de nós temos uma encruzilhada: dum lado, a fraternidade, que fecunda de bem a comunidade humana; do outro, a indiferença, que ensanguenta o Mediterrâneo. Encontramo-nos perante uma encruzilhada de civilização. Ou a cultura da humanidade e da fraternidade, ou a cultura da indiferença: cada um se desembarace como puder.

Não podemos resignar-nos a ver seres humanos tratados como mercadoria de troca, encarcerados e torturados de maneira atroz – sabemos que, muitas vezes, quando os mandamos embora, o seu destino é a tortura e a prisão; não podemos mais assistir às tragédias dos naufrágios, devido a tráfico odiosos e ao fanatismo da indiferença.

A indiferença torna-se fanática. As pessoas que correm o risco de se afogar, quando são abandonadas no meio das ondas, devem ser socorridas. É um dever de humanidade, é um dever de civilização!

O Céu abençoar-nos-á se soubermos, em terra e no mar, cuidar dos mais frágeis, se soubermos superar a paralisia do medo e o desinteresse que condena à morte com luvas de veludo.

E nós, representantes de diversas religiões, somos chamados a ser exemplo nisto. Com efeito, Deus abençoou o pai Abraão. Foi chamado a deixar a sua terra de origem e «partiu sem saber para onde ia» (Heb 11, 8). Hóspede e peregrino em terra estrangeira, acolheu os viajantes que passaram junto da sua tenda (cf. Gen 18): «exilado da sua pátria, sem uma casa, foi ele próprio casa e pátria de todos» (S. Pedro Crisólogo, Discursos, 121). E «como recompensa da sua hospitalidade, obteve a graça de ter uma descendência» (S. Ambrósio de Milão, De officiis, II, 21).

Portanto, na raiz dos três monoteísmos mediterrânicos, temos o acolhimento, o amor pelo estrangeiro em nome de Deus. Isto é vital se, como o nosso pai Abraão, sonharmos um futuro próspero.

Não esqueçamos o refrão da Bíblia: “o órfão, a viúva e o migrante, o estrangeiro”. Órfão, viúva e estrangeiro: são estes quem Deus nos manda proteger.

Por conseguinte nós, crentes, devemos ser modelo de acolhimento recíproco e fraterno.

Muitas vezes não são fáceis as relações entre os grupos religiosos, com a traça do extremismo e a peste ideológica do fundamentalismo que corroem a vida real das comunidades.

A este respeito, porém, quero repetir o que escreveu um homem de Deus que viveu não longe daqui: «Ninguém guarde, no seu coração, sentimentos de ódio contra o seu próximo, mas sentimentos de amor, porque quem odeia inclusive um só homem não poderá estar tranquilo diante de Deus. Deus não escuta a sua oração, enquanto guardar cólera no seu coração» (S. Cesário de Arles, Discursos, XIV, 2).

Hoje também Marselha, caracterizada por um variegado pluralismo religioso, tem pela frente uma encruzilhada: encontro ou confronto. E agradeço a todos vós que optastes pela via do encontro: obrigado pelo vosso empenhamento solidário e concreto na promoção humana e na integração.

Marselha é um modelo de integração. É bom que aqui, juntamente com as diversas realidades que trabalham com os migrantes, exista o Marseille-Espérance, um organismo de diálogo inter-religioso que promove a fraternidade e a convivência pacífica.

Olhemos para os pioneiros e testemunhas do diálogo, como Jules Isaac, que viveu aqui nas proximidades e cujo sexagésimo aniversário de morte foi recentemente recordado. Vós sois a Marselha do futuro. Continuai sem desanimar, para que esta cidade seja um mosaico de esperança para a França, a Europa e o mundo.

Como voto final, quero citar algumas palavras que David Sassoli pronunciou em Bari, por ocasião dum Encontro anterior sobre o Mediterrâneo: «Em Bagdad, na Casa da Sabedoria do Califa Al Ma'mun, encontravam-se judeus, cristãos e muçulmanos para ler os livros sagrados e os filósofos gregos. Hoje todos, crentes e laicos, sentimos a necessidade de reedificar aquela Casa para continuarmos,

juntos, a combater os ídolos, derrubar muros, construir pontes, dar corpo a um novo humanismo. Olhar em profundidade o nosso tempo e amá-lo ainda mais quando é difícil de amar, creio que seja a semente lançada nestes dias em que nos debruçamos sobre o nosso destino. Cesse o medo dos problemas que o Mediterrâneo nos apresenta! (...) Para a União Europeia e para todos nós, está em jogo a nossa sobrevivência» (Discurso por ocasião do Encontro de reflexão e espiritualidade «Mediterrâneo fronteira de paz», 22/II/2020).

Irmãos, irmãs, enfrentemos, unidos, os problemas, não façamos naufragar a esperança, juntos componhamos um mosaico de paz!

Fico contente por ver aqui tantos de vós que ides ao mar para salvar, para socorrer os migrantes. E muitas vezes sois impedidos de ir, porque – dizem – o navio tem falta de alguma coisa, falta isto, falta aquilo... São gestos de ódio contra o irmão, disfarçados de “equilíbrio”. Obrigado por tudo aquilo que fazeis.

## *Cruzamento de olhares*

*Da saudação do Santo Padre numa oração mariana com o clero diocesano Basílica de “Notre Dame de la Garde”, Marselha, em 22 de setembro de 2023:*

... (Esta basílica) não foi fundada em recordação dum milagre ou duma aparição particular, mas simplesmente porque, desde o século XIII, o santo Povo de Deus procurou e encontrou aqui, na colina de La Garde, a presença do Senhor através dos olhos da sua Santa Mãe. Por isso, há séculos que os marselheses – especialmente os que navegam por entre as ondas do Mediterrâneo – sobem aqui para rezar.

Foi o santo Povo Fiel de Deus que – uso a palavra – “ungiu” este santuário, este lugar de oração. O santo Povo de Deus que, como diz o Concílio, é infalível in credendo.

Ainda hoje, para todos, a Bonne Mère [Boa Mãe] é protagonista dum terno «cruzamento de olhares»: por um lado, o olhar de Jesus, para Quem Ela sempre aponta e cujo amor se reflete nos seus olhos – o gesto mais autêntico de Nossa Senhora é apontar para Jesus: “Fazei o que Ele vos disser”; por outro lado, os olhares de tantos homens e mulheres de todas as idades e condições, que Ela recolhe e leva a Deus, como recordámos no início desta oração, depondo a seus pés um círio aceso.

Pois bem, neste cruzamento de povos que é Marselha, quero refletir convosco precisamente sobre este cruzamento de olhares, porque me parece que nele esteja bem expressa a dimensão mariana do nosso ministério.

Com efeito, também nós, sacerdotes, consagrados, diáconos, somos chamados a fazer sentir ao povo o olhar de Jesus e, ao mesmo tempo, levar a Jesus o olhar dos irmãos. Uma troca de olhares. No primeiro caso, somos instrumentos de misericórdia; no segundo, instrumentos de intercessão.

Primeiro olhar: o de Jesus que acaricia o homem. É um olhar que se dirige de cima para baixo, não para julgar, mas para erguer quem está por terra. É um olhar cheio de ternura, que transpõe nos olhos de Maria. E nós, chamados a transmitir este olhar, somos obrigados a abaixar-nos, a sentir compaixão – sublinho esta palavra: compaixão.

Não esqueçamos que o estilo de Deus é o da proximidade, da compaixão e da ternura –, a assumir «a paciente e encorajante benevolência do Bom Pastor, que não censura a ovelha perdida, mas carrega-a aos ombros e faz uma festa pelo seu regresso ao rebanho (cf. Lc 15, 4-7)» (Congregação para o Clero, Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros, n. 30).

Gosto de pensar que o Senhor não sabe fazer o gesto de apontar o dedo, no sentido de julgar; sabe antes fazer o gesto de estender a mão, no sentido de levantar.

Irmãos, irmãs, aprendamos deste olhar, não deixemos passar um dia sem nos lembrar de quando o recebemos sobre nós e assumamo-lo para sermos homens e mulheres de compaixão. Proximidade, compaixão, ternura. Não esqueçamos. Ser compassivo significa ser próximo e ternurento.

Abramos as portas das igrejas e das residências paroquiais, mas sobretudo as do coração para mostrar, através da nossa mansidão, gentileza e acolhimento, o rosto de Nosso Senhor.

Quem se aproxima de vós, não encontre indiferença e julgamento, mas o testemunho duma alegria humilde, mais frutuosa do que toda a capacidade que possais ostentar.

Os feridos da vida encontrem um porto seguro, acolhimento no vosso olhar, um encorajamento no vosso abraço, uma carícia nas vossas mãos, capazes de enxugar lágrimas.

Nas muitas ocupações de cada dia, não deixeis, por favor, diminuir o calor do olhar paterno e materno de Deus.

E aos sacerdotes, por favor: no Sacramento da Penitência, perdoai sempre! Sede generosos como Deus é generoso connosco. Perdoai! Com o perdão de Deus abrem-se muitos caminhos na vida. E é bom que façais isto distribuindo o seu perdão sempre, sempre com generosidade, para, através da graça, desligar os homens das cadeias do pecado e libertá-los de bloqueios, remorsos, rancores e medos, contra os quais, sozinhos, não podem prevalecer.

É bom redescobrir em cada idade, maravilhados, a alegria de iluminar os momentos felizes e tristes da vida com os Sacramentos e transmitir, em nome de Deus, esperanças inesperadas: a sua proximidade que consola, a sua compaixão que cura, a sua ternura que comove.

Proximidade, compaixão, ternura. Sede próximos de todos, especialmente dos mais frágeis e dos menos afortunados, e nunca falte, aos que sofrem, a vossa proximidade cuidadosa e discreta.

Assim neles, mas também em vós, crescerão a fé que anima o presente, a esperança que abre para o futuro e a caridade que dura para sempre. Tal é o primeiro movimento: levar aos irmãos o olhar de Jesus.

Na vida, há só uma situação em que é permitido olhar para uma pessoa de cima para baixo: quando tentamos dar-lhe a mão para a levantar. Nas outras situações, é pecado de orgulho.

Olhai para as pessoas que estão por terra e que com a sua mão estendida – consciente ou inconscientemente – pedem para serem levantadas. Tomai-as pela mão e levantai-as: é um gesto muito bonito, é um gesto que não pode ser feito sem ternura.

Depois temos o segundo olhar: o dos homens e mulheres que se dirigem a Jesus. Como Maria, que em Caná acolheu e apresentou ao Senhor as preocupações de dois jovens esposos (cf. Jo 2, 3), também vós sois chamados a tornar-vos, para os outros – homens e mulheres para os outros –, a voz que intercede (cf. Rm 8, 34).

Deste modo, a recitação do Breviário, a meditação quotidiana da Palavra, o terço e qualquer outra oração; recomendo-vos especialmente a adoração.

Perdemos um pouco o sentido da adoração, temos de o recuperar; recomendo-vos isto.

Todas estas orações serão repletas de rostos das pessoas que a Providência coloca no vosso caminho. Convosco levareis os seus olhos, as suas vozes, os seus interrogativos, para a Mesa Eucarística, diante do Sacrário ou no silêncio do vosso quarto onde o Pai vê (cf. Mt 6, 6).

Tornar-vos-eis o seu eco fiel, como intercessores, como «anjos na terra», mensageiros que tudo apresentam «diante da glória do Senhor» (Tb 12, 12).

E quero resumir esta breve meditação, chamando a vossa atenção para três imagens de Maria que se veneram nesta Basílica.

A primeira é a grande imagem que campeia no seu cimo e A representa segurando o Menino Jesus que abençoa: como Maria, levemos a bênção e a paz de Jesus a toda a parte, a cada família e a cada coração. Semeai paz! É o olhar de misericórdia.

A segunda imagem encontra-se por baixo de nós, na Cripta: é a Vierge au bouquet, dom dum leigo generoso. Também Ela traz num braço o Menino Jesus e no-Lo mostra, mas na outra mão, no lugar do cetro, segura um ramo de flores. Isto faz-nos pensar em Maria como modelo da Igreja, ao mesmo tempo que nos apresenta o seu Filho, a Ele nos apresenta também a nós como um ramo de flores, no qual cada pessoa é única, é bela e preciosa aos olhos do Pai. É o olhar de intercessão. Isto é muito importante: a intercessão. O primeiro foi o olhar de misericórdia de Nossa Senhora, este é o olhar de intercessão.

E a terceira imagem, vemo-la aqui no centro sobre o altar, impressionante pelo esplendor que irradia. Também nós, queridos irmãos e irmãs, nos tornamos Evangelho vivo na medida em que O damos, saindo de nós mesmos, refletindo a sua luz e beleza com uma vida humilde, alegre, rica de zelo apostólico. Nisto sirvam-nos de estímulo os numerosos missionários que partiram deste lugar sublime para anunciar a boa nova de Jesus Cristo pelo mundo inteiro

Caríssimos, levemos aos irmãos o olhar de Deus, levemos a Deus a sede dos irmãos, espalhemos a alegria do Evangelho. Esta é a nossa vida que é incrivelmente bela, não obstante as canseiras e as quedas, e também os nossos pecados.

Rezemos juntos a Nossa Senhora, para que Ela nos acompanhe, nos guarde. E vós, por favor, rezai por mim.

## *Um mundo mais humano para todos*

*Catequese do Papa Francisco em 27 de setembro  
de 2023.*

No final da semana passada fui a Marselha para participar na conclusão dos Rencontres Méditerranéennes, que contou com a participação de Bispos e Presidentes de câmaras municipais da área do Mediterrâneo, com muitos jovens, a fim de que o olhar se abrisse para o futuro. Com efeito, o evento de Marselha intitulava-se “Mosaico de esperança”. Eis o sonho, eis o desafio: que o Mediterrâneo recupere a sua vocação de ser laboratório de civilização e de paz.

Como sabemos, o Mediterrâneo é berço de civilização, e um berço é para a vida! Não é tolerável que se torne um túmulo, nem um lugar de conflito.

O Mar Mediterrâneo é o mais oposto que existe ao conflito de civilizações, à guerra, ao tráfico de seres humanos. É exatamente o contrário, porque o Mediterrâneo põe em comunicação a África, a Ásia e a Europa; o norte e o sul, o oriente e o ocidente; as pessoas e as culturas, os povos e as línguas, as filosofias e as religiões.

Certamente, o mar é sempre, de algum modo, um abismo a superar, e pode tornar-se também perigoso. Mas as suas águas preservam tesouros de vida, as suas ondas e os seus ventos transportam embarcações de todos os tipos.

Da sua margem oriental, há dois mil anos, partiu o Evangelho de Jesus Cristo.

Naturalmente, o seu anúncio não acontece por magia, nem se realiza de uma vez por todas. É o fruto de um caminho em que cada geração é chamada a percorrer um trecho, lendo os sinais dos tempos em que vive.

O encontro de Marselha seguiu-se a outros semelhantes, que tiveram lugar em Bari, em 2020, e em Florença, no ano passado. Não se tratava de um acontecimento isolado, mas de um passo em frente num itinerário que teve o seu início nos “Colóquios do Mediterrâneo”, organizados pelo Presidente da câmara municipal, Giorgio La Pira, em Florença, no final da década de 1950 do século passado.

Mais um passo para responder, hoje, ao apelo lançado por São Paulo VI na sua Encíclica *Populorum progressio*, a fim de promover «um mundo mais humano para todos, um mundo em que todos tenham algo para dar e receber, sem que o progresso de uns constitua um obstáculo para o desenvolvimento de outros» (n. 44).

O que resultou do evento de Marselha? Resultou um olhar sobre o Mediterrâneo, que definiria simplesmente humano, não ideológico, não estratégico, não politicamente correto nem instrumental, humano, isto é, capaz de remeter tudo para o valor primordial da pessoa humana e da sua dignidade inviolável. Depois, ao mesmo tempo, resultou um olhar de esperança.

Hoje isto é deveras surpreendente: quando escutamos testemunhas que passaram por situações desumanas ou que as compartilharam, e precisamente delas recebemos uma “profissão de esperança”.

E é também um olhar de fraternidade.

Irmãos e irmãs, esta esperança, esta fraternidade, não deve “evaporar-se”, não, pelo contrário, deve organizar-se, concretizar-se em ações a longo, médio e curto prazo. Para que as pessoas, em plena dignidade, possam optar por emigrar ou não emigrar. O Mediterrâneo deve ser uma mensagem de esperança.

Mas há outro aspeto complementar: é preciso restituir esperança às nossas sociedades europeias, especialmente às novas gerações.

Com efeito, como podemos acolher os outros, se nós próprios não tivermos um horizonte aberto ao futuro? Como podem jovens

sem esperança, fechados na vida particular, preocupados em gerir a sua precariedade, abrir-se ao encontro e à partilha?

Muitas vezes as nossas sociedades doentes de individualismo, de consumismo e de evasões vazias precisam de se abrir, de oxigenar a alma e o espírito, e assim poderão ler a crise como oportunidade e enfrentá-la de maneira positiva.

A Europa tem necessidade de reencontrar paixão e entusiasmo, e posso dizer que os encontrei em Marselha: no seu Pastor, Cardeal Aveline, nos sacerdotes e nos consagrados, nos fiéis leigos comprometidos na caridade, na educação, no povo de Deus que demonstrou muito entusiasmo na Missa no Estádio Vélodrome. Agradeço a todos eles e ao Presidente da República que, mediante a sua presença, testemunhou a atenção de toda a França para o evento de Marselha.

Possa Nossa Senhora, que os marselheses veneram como Notre-Dame de la Garde, acompanhar o caminho dos povos do Mediterrâneo, para que esta região se torne aquilo que sempre foi chamada a ser: um mosaico de civilização e de esperança!

## *Igreja sinfónica e sinodal*

*Homilia do Papa Francisco no consistório ordinário público para a criação de novos cardeais na Praça de São Pedro, em 30 de setembro de 2023.*

Pensando nesta celebração e de modo particular em vós, queridos irmãos que haveríeis de vos tornar Cardeais, veio-me à mente este texto dos Atos dos Apóstolos (cf. 2,1-11). Trata-se dum texto fundamental, a narração do Pentecostes, o batismo da Igreja. Mas aquilo que, na realidade, atraiu o meu pensamento foi um ponto

particular, ou seja, aquela constatação saída da boca dos judeus, que então «residiam em Jerusalém» (2, 5): são «partos, medos, elamitas...» (2, 9) e assim por diante.

Esta longa lista de povos fez-me pensar nos Cardeais, que, graças a Deus, são de todas as partes do mundo, das mais diversas nações. Por isso mesmo escolhi esta passagem bíblica.

Depois, ao meditar sobre isto, dei-me conta duma espécie de «surpresa» escondida nesta associação de ideias, uma surpresa na qual, com alegria, me parecia reconhecer, por assim dizer, o humorismo do Espírito Santo. Desculpai a expressão!

Qual é essa «surpresa»? É o facto de que nós, pastores, ao lermos a narração do Pentecostes, normalmente nos identificamos com os Apóstolos. É natural que assim seja.

Ao passo que aqueles «partos, medos, elamitas», etc. que, na minha mente, associava aos Cardeais, não pertencem ao grupo dos discípulos, estão fora do Cenáculo, fazem parte daquela «multidão» que se reuniu quando ouviu o ruído causado pela forte rajada de vento (cf. 2, 2.6).

Os Apóstolos eram «todos galileus» (2, 7), enquanto o povo que se reunira era «proveniente de todas as nações que há debaixo do céu» (2, 5), precisamente como o são os Bispos e os Cardeais no nosso tempo.

Esta espécie de inversão de papéis faz pensar e, se olharmos com atenção, revela uma interessante perspectiva, que quero partilhar convosco. Trata-se de nos aplicar (coloco-me a mim, primeiro, no caso) a experiência daqueles judeus que, por dom de Deus, se viram protagonistas do acontecimento do Pentecostes, isto é, do «batismo» do Espírito Santo, que fez nascer a Igreja una, santa, católica e apostólica.

Tal perspectiva, resumi-la-ia assim: redescobrir, maravilhado, o dom de ter recebido o Evangelho «na nossa língua» (2, 11), como dizem aquelas pessoas. Repensar com gratidão no dom de ter sido evangelizados e de ter sido tirados de povos que, cada um no seu

tempo, receberam o Kerygma, o anúncio do mistério de salvação, e acolhendo-o foram batizados no Espírito Santo e passaram a fazer parte da Igreja: a Igreja Mãe, que fala em todas as línguas, que é una e é católica.

Assim esta Palavra do livro dos Atos faz-nos pensar que, antes de ser «apóstolos», antes de ser sacerdotes, bispos, cardeais, somos «partos, medos, elamitas», etc., etc. Isto deveria despertar em nós a maravilha e a gratidão por termos recebido a graça do Evangelho nos nossos respetivos povos de origem.

Considero isto muito importante e que não se deve esquecer. Porque lá, na história do nosso povo – diria na «carne» do nosso povo –, o Espírito Santo operou o prodígio da comunicação do mistério de Jesus Cristo morto e ressuscitado. E chegou até nós «na própria língua», nos lábios e nos gestos dos nossos avós e dos nossos pais, dos catequistas, dos sacerdotes, dos religiosos... Cada um de nós pode recordar vozes e rostos concretos.

Não vos esqueçais disto: a fé é transmitida «em dialeto» pelas mães e as avós.

Com efeito, somos evangelizadores na medida em que conservamos no coração a maravilha e a gratidão de ter sido evangelizados; melhor, de ser evangelizados, porque trata-se, na realidade, de um dom sempre atual, que pede para ser continuamente renovado na memória e na fé. Evangelizadores evangelizados, e não funcionários.

Irmãos e irmãs, queridos Cardeais, o Pentecostes – tal como o Batismo de cada um de nós – não é um facto do passado, é um ato criador que Deus renova continuamente.

A Igreja – e cada um dos seus membros – vive deste mistério sempre atual. Ele não vive «de rendimentos» e muito menos dum património arqueológico, por mais precioso e nobre que pudesse ser.

A Igreja, e cada batizado, vive do hoje de Deus, pela ação do Espírito Santo. E o próprio ato que agora estamos a realizar aqui,

tem sentido se o vivermos nesta perspetiva de fé. E hoje, à luz da Palavra, podemos individuar esta realidade: vós, novos Cardeais, viestes de diversas partes do mundo, e o mesmo Espírito que fecundou a evangelização dos vossos povos, agora renova em vós a vossa vocação e missão na Igreja e para a Igreja.

Desta reflexão, derivada duma fecunda «surpresa», quero tirar simplesmente uma consequência para vós, irmãos Cardeais, e para o vosso Colégio. E quero expressá-la com uma imagem, a da orquestra: o Colégio Cardinalício é chamado a assemelhar-se a uma orquestra sinfónica, que representa a dimensão sinfónica e a sinodalidade da Igreja. Digo também «sinodalidade», não só por estarmos nas vésperas da primeira Assembleia do Sínodo que tem precisamente este tema, mas porque me parece que a metáfora da orquestra pode muito bem iluminar o caráter sinodal da Igreja.

Uma sinfonia vive da sábia composição dos timbres dos diversos instrumentos: cada um dá o seu contributo, ora sozinho, ora combinado com outro, ora com todo o conjunto.

A diversidade é necessária, é indispensável. Mas cada som deve concorrer para o resultado comum. E, para isso, é fundamental a escuta mútua: cada músico deve ouvir os outros.

Se alguém ouvisse apenas a si mesmo, por mais sublime que possa ser o seu som, não seria de proveito à sinfonia; e o mesmo aconteceria se uma parte da orquestra não ouvisse as outras, mas tocasse como se estivesse sozinha, como se fosse o todo.

E o diretor da orquestra está ao serviço desta espécie de milagre que é sempre a execução duma sinfonia. Ele deve ouvir mais do que todos os outros e, ao mesmo tempo, a sua tarefa é ajudar cada um e a orquestra inteira a desenvolver ao máximo a fidelidade criativa, a fidelidade à obra que se está a executar, mas criativa, capaz de dar uma alma àquela partitura, de fazê-la ressoar duma forma única aqui e agora.

Queridos irmãos e irmãs, faz-nos bem espelhar-nos na imagem da orquestra, para aprendermos cada vez melhor a ser Igreja sinfônica e sinodal.

Proponho-a de modo particular a vós, membros do Colégio Cardinalício, na consoladora confiança de que temos como maestro o Espírito Santo (é Ele o protagonista): maestro interior de cada um e maestro do caminhar juntos.

Ele cria a variedade e a unidade, Ele é a própria harmonia: assim o sintetizou Basílio, quando afirma «Ipse harmonia est – Ele é a própria harmonia».

Confiemo-nos à sua doce e forte guia e à guarda solícita da Virgem Maria.

## *A importância do silêncio*

*Transcrevemos quase na íntegra uma homilia do Papa Francisco numa vigília ecumênica de oração no contexto da iniciativa «Togheter 2023» na Praça de São Pedro, em 30 de setembro de 2023.*

«Togheter – juntos» como a comunidade cristã das origens no dia do Pentecostes, como um único rebanho, amado e reunido por um só Pastor, Jesus.

Como a grande multidão do Apocalipse, estamos aqui, irmãos e irmãs «de todas as nações, tribos, povos e línguas» (Ap 7, 9), vindos de comunidades e países diferentes, filhas e filhos do mesmo Pai, animados pelo Espírito recebido no Batismo, chamados à mesma esperança (cf. Ef 4, 4-5). (...)

Como a grande multidão do Apocalipse, rezámos em silêncio, ouvindo um grande «silêncio» (Ap 8, I). E o silêncio é importante, é forte: pode expressar uma dor indescritível frente às desgraças, mas também, nos momentos de alegria, um júbilo que transcende as palavras.

Por isso quero refletir brevemente convosco sobre a sua importância na vida do crente, na vida da Igreja e no caminho de unidade dos cristãos. A importância do silêncio.

Em primeiro lugar, o silêncio é essencial na vida do crente. De facto, aparece no início e no fim da existência terrena de Cristo. O Verbo, a Palavra do Pai, fez-Se «silêncio» na manjedoura e na cruz, na noite do Nascimento e na da Páscoa.

Nesta tarde nós, cristãos, permanecemos em silêncio diante do Crucifixo de São Damião, como discípulos à escuta diante da cruz, que é a cátedra do Mestre. O nosso não foi um silêncio vazio, mas um momento cheio de fé, expectativa e disponibilidade.

Num mundo cheio de ruído, já não estamos habituados ao silêncio; antes, às vezes temos dificuldade em suportá-lo, porque nos coloca diante de Deus e de nós próprios. Contudo está na base da palavra e da vida.

São Paulo diz que o mistério do Verbo encarnado «foi mantido em silêncio por tempos eternos» (Rm 16, 25), ensinando-nos que o silêncio guarda o mistério, como Abraão guardava a Aliança, como Maria guardava no ventre e meditava no coração a vida do seu Filho (cf. Lc 1, 31; 2, 19.51).

Aliás a verdade não necessita de gritos violentos para chegar ao coração dos homens. Deus não gosta de pregões e gritarias, de bisbilhotice e tumulto; Deus prefere antes, como fez com Elias, falar no «murmúrio de uma brisa suave» (1 Re 19, 12), num «fio de silêncio ressonante».

E assim também nós, como Abraão, como Elias, como Maria, precisamos de nos libertar de muitos ruídos para ouvir a sua voz. Pois é só no nosso silêncio que ressoa a sua Palavra.

Em segundo lugar, o silêncio é essencial na vida da Igreja.

Os Atos dos Apóstolos dizem que, depois do discurso de Pedro no Concílio de Jerusalém, «toda a assembleia ficou em silêncio» (15, 12), preparando-se para acolher o testemunho de Paulo e Barnabé sobre os sinais e maravilhas que Deus realizara no meio das nações.

E isto recorda-nos que o silêncio, na comunidade eclesial, torna possível a comunicação fraterna, na qual o Espírito Santo harmoniza os pontos de vista, porque Ele é a harmonia.

Sermos sinodais significa acolher-nos assim uns aos outros, cientes de que todos temos algo para testemunhar e aprender, colocando-nos juntos à escuta do «Espírito da Verdade» (Jo 14, 17) para conhecermos o que Ele «diz às Igrejas» (Ap 2, 7).

E o silêncio permite precisamente o discernimento, através da escuta atenta dos «gemidos inefáveis» (Rm 8, 26) do Espírito que ecoam, muitas vezes escondidos, no Povo de Deus.

Por isso peçamos ao Espírito o dom da escuta para os participantes no Sínodo: «escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama» (Discurso na Vigília de Oração preparatória do Sínodo sobre a Família, 04/X/2014).

E finalmente, em terceiro lugar, o silêncio é essencial no caminho de unidade dos cristãos.

Na verdade, é fundamental para a oração, da qual começa o ecumenismo e sem a qual este é estéril.

De facto, Jesus rezou pelos seus discípulos para que «sejam todos um só» (Jo 17, 21).

O silêncio feito oração permite-nos acolher o dom da unidade «como Cristo a quer», «com os meios que Ele quer» (P. Couturier, Oração pela unidade), não como fruto autónomo dos nossos esforços e segundo critérios puramente humanos.

Quanto mais nos dirigimos juntos ao Senhor na oração, mais sentimos que é Ele quem nos purifica e nos une para além das diferenças.

A unidade dos cristãos cresce no silêncio diante da cruz, precisamente como as sementes que receberemos e que representam os diversos dons concedidos pelo Espírito Santo às várias tradições: a nós cabe-nos a tarefa de as semear, na certeza de que, o crescimento, só Deus o dá (cf. 1 Cor 3, 6).

Elas serão um sinal para nós, chamados por nossa vez a morrer silenciosamente para o egoísmo a fim de crescermos, pela ação do Espírito Santo, na comunhão com Deus e na fraternidade entre nós.

Por isso, irmãos e irmãs, na oração comum, peçamos para aprender de novo a fazer silêncio: para ouvir a voz do Pai, o chamamento de Jesus e o gemido do Espírito.

Peçamos que o Sínodo seja kairós de fraternidade, um lugar onde o Espírito Santo purifique a Igreja das murmurações, das ideologias e das polarizações.

Ao mesmo tempo que nos encaminhamos para o aniversário importante do grande Concílio de Niceia, peçamos para saber adorar unidos e em silêncio, como os Magos, o mistério de Deus feito homem, certos de que quanto mais estivermos próximo de Cristo, tanto mais unidos estaremos entre nós.

E assim como os sábios do Oriente foram conduzidos a Belém por uma estrela, assim também a luz celeste nos guie para o nosso único Senhor e para a unidade pela qual Ele rezou.

Irmãos e irmãs, caminhemos juntos, desejosos de O encontrar, adorar e anunciar para que «o mundo creia» (Jo 17, 21).

[1] Ferreira, Monsenhor J. Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, tomo IV, 1935, pag. 416.

[2] Tal publicação veio a ser a «Theologica», cuja primeira série teve início em 1954.

[3] Faleceu como bispo do Porto em 21 de fevereiro de 1952 (Ação Católica, 1952, pag. 227-229).

[4] Professor no Seminário Conciliar, nasceu em Bagunte, Vila do Conde, em 03 de abril de 1908. De saúde muito frágil, faleceu em 02 de janeiro de 1974.

[5] M. de Faria, *Ação Católica*, 1974, pag. 44.

Idem, *Ação Católica*, 1981, pag. 141.

[6] M. de Faria, *Ação Católica*, 1942, pag. 511.

